Carlos Henrique Silva de Castro
(Org.)

Pós-memória
e
Educação do Campo

Passeata ocorrida em 30 de maio de 2019 contra os cortes na educação promovidos pelo governo federal
Diamantina, MG

relatos sobre autoritarismo e colonialidade

ADRIANA ALANE ALINA ÂNGELA CLAUDIANA DENISE EDILAISA
ELIAS ELIENE EMESON ENI GIRLENE HÉLLEN ISAC ISRAEL LEIDIMAR
LILIANE MARIANA MIRÉIA ROSIANE STEPHANIE THAINÁ VANESA

ADRIANA ALANE ALINA ÂNGELA CLAUDIANA DENISE EDILAISA
ELIAS ELIENE EMESON ENI GIRLENE HÉLLEN ISAC ISRAEL LEIDIMAR
LILIANE MARIANA MIRÉIA ROSIANE STEPHANIE THAINÁ VANESA

AUTORAS E AUTORES EM FOTOGRAFIA DE ROSIANE SOARES PEREIRA

Campus JK da UFVJM, Pav. de aulas 2 - 2019

(Org.)

CARLOS HENRIQUE SILVA DE CASTRO

Pós-memória

e

Educação do Campo:

relatos sobre autoritarismo

e colonialidade

1ª edição

Diamantina

UFVJM

2020

Este trabalho está licenciado com uma
Licença Creative Commons
Atribuição – Não comercial 4.0 Internacional

Com essa licença, você pode copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que dê créditos devidos aos autores, na maneira especificada por estes, e que os usos não sejam para fins comerciais.

Capa: Carlos Henrique Silva de Castro

Imagens utilizadas: imagens públicas e livres disponíveis na rede e fotografias tiradas pelos autores e organizador.

Elaborado com os dados fornecidos pelo organizador.

P855 Pós-memória e Educação do Campo: relatos sobre autoritarismo e colonialidade / Carlos Henrique Silva de Castro (org.). – Diamantina: UFVJM, 2020.
61 p. : il.

ISBN: 978-65-87258-00-3

Inclui bibliografia

1. Pós-memória. 2. Educação do Campo. 3. Autoritarismo. 4. Colonialidade. I. Castro, Carlos Henrique Silva de. II. Título. III. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

CDD 370

Ficha Catalográfica – Serviço de Bibliotecas/UFVJM
Bibliotecária Nádia Santos Barbosa – CRB6/3468

SUMÁRIO

[organizado na ordem alfabética dos nomes das autoras e dos autores]

1. Apresentação..... p. 07

2. Reflexão de pós-memória..... *Adriana Alves de Souza* p. 11

3. Experiência, educação, memória e pós-memória ....*Alane Dos Santos Baldaia* p. 13

4. Da memória à pós-memória: trajetória escolar..... .....*Alina dos Santos Rocha* p. 15

5. Recortes e retratos da colonização que afetam a construção da identidade do professor do campo..... *Ângela Gomes Freire* p. 17

Pós-memória e os acontecimentos da minha Infância .... *Claudiana Fernandes da Silva* p. 21

7. Pós-memória e atualidade..... *Denise Pinheiro Rodrigues* p. 23

8. Pós-memória da colonização que perpetua na contemporaneidade..... *Edilaisa Ramos Pego* p. 25

9. A pós-memória e o processo educacional..... *Elias Pereira Xavier* p. 27

10. Voltando aos fatos: pós-memória, colonização e atualidade..... .....*Eliene de Souza Silva* p. 29

11. Raízes de memórias da nossa educação brasileira..... *Emeson Barbosa Porto* p. 31

12. Pós-memória, colonização e experiências enquanto aluna, professora e futura educadora do campo..... ..... *Eni Elizabete Marques Ribeiro* p. 33

13. Reflexões de pós-memórias e evoluções.....*Girlene Barbosa Da Silva* p. 35

14. Influências de eventos políticos na identidade dos professores de línguas..... *Héllen Fernandes Santos* p. 37

15. Memórias de minha trajetória na educação.....*Isac dos Santos Lopes* p. 39

16. Ditadura, memória, pós-memória e como isso é enfrentado pelos professores..... *Israel Soares Pereira* p. 41

17. Pós-memórias.....*Leidimar Gomes Da Costa* p. 43

18. Reflexos do pós-memória do processo histórico brasileiro e sua influência na educação..... *Liliane Avelino Caldeira* p. 45

19. Pós-memória e educação formal: reflexos comportamentais e sociais..... *Mariana Soares Ferreira* p. 47

20. Minhas memórias: trajetória escolar..... *Miréia de Jesus Sena* p. 49

21. A Influência da memória e pós-memória na formação do professor no Brasil..... *Rosiane Soares Pereira* p. 51

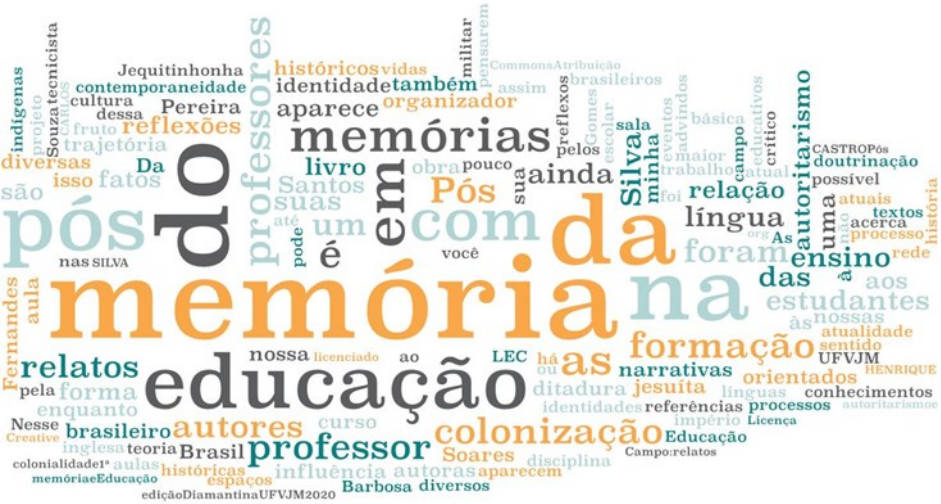
22. Pós- memória e sua influência na constituição do sujeito em seu contexto sociocultural.....*Stephanie da Silva Barros* p. 53

23. Interferências históricas na minha educação..... .....*Thainá Fernandes Cordeiro* p. 57

24. Convivências e superação..... *Vanesa Aparecida Euzébio* p. 59

25. Referências..... p. 61

Apresentação



Este livro é fruto de reflexões sobre língua, linguagem, identidades, colonialidade, autoritarismo e aprendizagens. Como sugere o título e a nuvem de palavras acima, essas temáticas são trazidas em narrativas memorialísticas e, como é próprio dos relatos, de forma leve e pessoal. Relatos um pouco atípicos, pois suas reflexões remetem a certa teorização, mas ainda assim encontram maior aconchego nos gêneros narrativos. A teoria é parte da vida, é a lente de nossas leituras, nosso filtro organizador de conhecimentos; por isso há um diálogo direto com algumas questões teóricas e vivências, acessíveis pela memória e pela pós-memória.

Nessa direção, as autoras e autores dessa obra buscaram em suas memórias e pós-memórias fatos marcantes e que foram claramente influenciados por momentos históricos importantes e traumatizantes como a educação jesuíta dos séculos XVI, XVII, XVIII, a educação colonial do império brasileiro e das nossas ditaduras, em especial a mais próxima, que perdurou de 1964 a 1985.

Acerca de pós-memória, aos estudantes foi apresentada a teoria de Hirsch (1997, *apud* ARAÚJO & GONÇALVES, 2012)[1] que entende pós-memória como as memórias de vítimas de grandes eventos traumáticos repassadas aos descendentes. Assim, as pós-memórias têm ainda a ligação familiar e afetiva. As autoras e os autores, 19 e 4 respectivamente, são estudantes do curso Licenciatura em Educação do Campo (LEC), da Universidade Federal dos Vales do

[1] Todas as referências estão listadas ao final do livro.

Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). O curso forma professores em língua portuguesa e inglesa na habilitação Linguagens e Códigos, que contextualiza a origem desta obra, além da habilitação Ciências da Natureza. Este livro é um dos produtos resultantes do projeto *Colonizador, Jesuíta ou Ditador? A influência da memória e pós-memória na formação identitária dos professores de língua inglesa no Brasil*, desenvolvido em parceria com a UFMG, UFOP e UFSJ. O objetivo central do projeto foi delinear uma proposta de trabalho pautada na relação entre memória, pós-memória e formação das identidades dos professores de língua e cultura de sala de aula do Brasil atual. A etapa que resulta neste livro, especificamente, foi desenvolvida na disciplina Gêneros Textuais/Discursivos, ofertada no primeiro semestre de 2020 por este professor, que também é organizador deste livro.

Para a confecção dos 23 textos memorialísticos aqui presentes, os estudantes foram provocados com leitura e debate de Jucá (2017) no intuito de reunirem seus conhecimentos de mundo acerca de fatos históricos brasileiros com potencial impacto nos processos educacionais atuais e na formação de professores para, então, responderem à seguinte questão: *Como você vê a possível relação entre pós-memória, colonização e identidade do professor de línguas e na cultura de sala de aula? Se possível, comente com exemplos advindos de sua própria experiência enquanto aluno e/ou professor da rede básica de ensino.*

Os estudantes foram orientados, ainda, a pensarem em fatos de suas vidas escolares em diferentes espaços educativos: (a) na educação básica; (b) na educação informal (casa, vizinhança, cursos e aulas diversas fora da escola, catecismo, exército etc.); e (c) no curso de formação de professores que são parte, a LEC-UFVJM. Por último, foram orientados a refletirem sobre como a história pode afetar a formação do futuro(a) professor(a) de língua. A fim de ordenar as narrativas a partir das referências históricas e suas pós-memórias, foram orientados a pensarem nos rastros na educação, nos diversos espaços e espectros apresentados, advindos: da educação jesuíta, da educação do império e da educação da ditadura militar, nesta sequência.

Parece unânime o entendimento de que a história influencia diretamente os processos educativos, bem como a formação dos professores e as práticas das salas de aula. E isso aparece de diversas formas nesta coleção de relatos. Educação e doutrinação se aproximam quando se pensa na ação do estado sobre os indígenas brasileiros, desde a doutrinação jesuíta até as violências físicas que levaram diversos povos à extinção. Nesse sentido, aparece um relato bastante atual com situação similar, com a caça de índios na contemporaneidade, no Vale do Jequitinhonha, no entorno da cidade de Araçuaí.

A religiosidade e o autoritarismo também aparecem, muitas vezes, de mãos dadas. Para além de relatos históricos, há relatos de professoras que usavam, com nossos atuais estudantes-autores, as aulas de ensino religioso para constrangê-los. O autoritarismo, assim, se mostra bastante presente nas diversas narrativas, como herança não apenas da relação educativa com os jesuítas, mas também da ditadura militar. Ligam aos militares, os relatos de exigência de ordem em filas indianas e na postura ao se cantar o Hino Nacional, a separação física entre meninos e meninas, o uniforme, as cadeiras sempre enfileiradas e o professor detentor de "todo" o conhecimento, dentre outras características ainda remanescentes. A palmatória, em um caso específico, era substituída por uma régua destinada, originalmente, a apontar para o quadro.

As autoras e os autores mostram-se conscientes, ainda, do viés desenvolvimentista-tecnicista de uma educação podadora em oposição ao ensino crítico dos tempos de maior liberdade. A relação direta entre um ensino tecnicista e pouco crítico com o novo ensino médio brasileiro é outro ponto de destaque que aparece em alguns textos. Ainda como fruto da colonização e do autoritarismo, aparecem o machismo e o racismo como estruturais da nossa sociedade. O peso político das decisões sobre educação aparece de forma clara desde a utilização do aparato estatal para doutrinar indígenas em nome da colonização, até a destinação de escolas de má qualidade às periferias e o acesso às melhores tecnologias às classes mais altas.

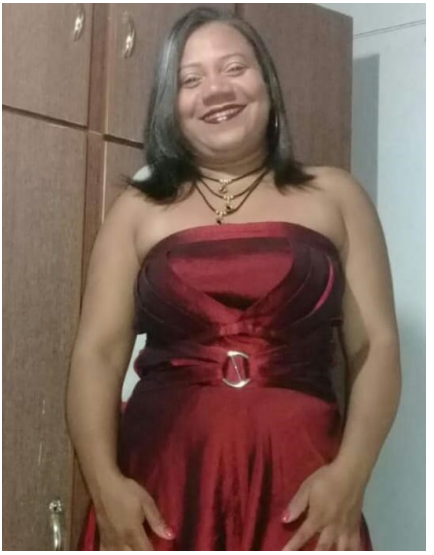
Todo esse processo reflexivo culmina na formação do professor de línguas, sobretudo na educação do campo, contexto dos nossos estudantes-autores, onde a contextualização e os letramentos mostram-se ainda mais indispensáveis. O amadurecimento dos estudantes-autores em suas reflexões dá-nos esperanças de que certas práticas, autoritárias e colonizadoras, tendem a diminuir. Caso a expectativa se concretize em alguma medida, certamente esse já terá sido um grande passo em direção a uma educação realmente crítica, pela qual lutamos há algum tempo. Aos leitores, essa experiência de leitura certamente será muito rica e proveitosa, sobretudo àqueles que se interessam pelo diálogo sobre língua, e linguagem e, de maneira mais abrangente, sobre a educação brasileira.

Carlos Henrique Silva de Castro

Licenciatura em Educação do Campo - Linguagens e Códigos
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Diamantina - MG, maio de 2020

Reflexão de pós-memória

Adriana Alves de Souza



1 Arquivo pessoal da autora

A educação brasileira começa com a vinda de Portugal dos padres jesuítas que tinham como objetivo central de catequizar e converter os nativos à religião católica. As consequências ainda são notadas.

No império, houve uma expansão do ensino, que mesmo assim ficou restrito a pessoas da classe nobre. Mesmo assim esse acesso incluía apenas os homens; as mulheres, então, não tinham direito de ter voz e nem à busca de conhecimento. Do mesmo jeito, os escravos, como parte das classes mais pobres, não tiveram acesso à educação básica. Como resquícios, a população negra ainda tem baixo nível de escolaridade, pois ainda não consegue ter acesso a uma faculdade no seu contexto normal, a não ser por cotas específicas a negros e indígenas.

Outra consequência, é a má qualidade de escolas periféricas. Em uma experiência que tive numa escola básica pública, na minha observação de estágio de Língua Portuguesa e Língua Inglesa, pude perceber o descaso com alunos das zonas rurais. Nesse sentido, pode-se dizer que a educação na escola básica, comparada à educação da época da ditadura por exemplo, talvez seja pior para os mais pobres, pois naquela época tinha-se um público-alvo bem particular, com mais condições, que sempre se saiu melhor na escola. Trazendo para a realidade de hoje, pode-se dizer que não mudou muita coisa, pois a escola continua sendo feita para os filhinhos de papai, que, então, se saem melhor.

Sobre a minha trajetória pessoal, comecei a estudar aos sete anos e estudei da primeira à sétima série durante o dia. A partir daí, comecei estudar à noite, pois tinha que ajudar nas tarefas de casa. Foram anos de muitos obstáculos e de muitas dificuldades, que classes mais abastadas jamais teriam. Nessa época, a distância de casa até a escola era de dez quilômetros e o meio de transporte era por uma caçamba, para quem conseguia chegar aos pontos que o veículo passava. Do contrário, o percurso era feito a pé.

Aos 12 anos de idade, vi a necessidade de começar a trabalhar, no horário da sete da manhã até às cinco da tarde e durante algum tempo percebi que não estava dando conta de trabalhar e estudar, uma vez que saía do trabalho em outra comunidade, passava em casa e ia para a escola, o que era muito cansativo diante do trabalho pesado que fazíamos.

A nossa trajetória era acordarmos às quatro da manhã, fazermos almoço e às cinco e meia estarmos no ponto onde passava o caminhão e nos pegava para ir apanhar café. Então passávamos o dia todo apanhando café, para a noite pudesse ir para escola na qual estudávamos das seis às dez da noite, uma rotina que durou até eu conseguir me formar no ensino médio. Nessa etapa dos meus estudos, fui incluída em um projeto chamado "Acertando o Passo", que tinha o objetivo de formar quem não teve acesso ao ensino na idade certa. Para isso, conclui-se o ensino médio em dois anos em um.

Para ir à escola, a questão do transporte ainda era a mesma. No período chuvoso encontrávamos mais dificuldades, pois muitos andavam nove quilômetros a pé em estrada de chão, uma vez que o transporte, em uma caçamba ou em um caminhão, só era oferecido na seca. A tal caçamba, durante o dia carregava o lixo da cidade e à noite buscavam os alunos da Comunidade Quilombola de Santa Cruz. Quando chovia muito, nem caminhão e nem a caçamba podia nos levar ou nos buscar e como voltávamos a pé, chegávamos a nossas casas por volta de uma às duas e meia da manhã. Descansávamos um pouco e no dia seguinte repetia a mesma rotina que começava às quatro.

Fazendo uma comparação com as escolas de épocas passadas, como a da época dos jesuítas, do império, ou da ditadura, um ou dois professores, na minha educação básica, analisavam a nossa real situação em relação ao nível de conhecimento e processo de aprendizado, tentando oferecer algo de acordo com nossas necessidades, mas muitos outros não entendiam ou procuravam entender o aluno e às vezes não davam espaço para se posicionar sobre determinados assuntos. Além disso, alguns professores criticavam os alunos quando cochilávamos na sala de aula, sem saberem do horário que fomos dormir e acordamos. Certo dia, ouvi de um professor de matemática dizendo "(...) o problema é de vocês, no final do mês o meu salário vai cair de qualquer jeito". Esse argumento mostra que, em muitas vezes, o professor que deveria ser o intermediador entre o conhecimento e o aluno, o coloca em uma posição secundária. Quando isso acontece, aproxima-se o nosso ensino àquele que já deveria ter sido superado, de séculos passados.

Experiência, educação, memória e pós-memória

Alane Dos Santos Baldaia

2 <pixabay.com>

A memória guarda momentos vividos, abriga e armazena aquilo que é processado, aprendido, experimentado. A partir da memória, podemos relatar e narrar histórias, acontecimentos, fatos e momentos vividos. A pós-memória, por sua vez, são narrativas entre gerações, que nos chegam pelos pais, avós, ou outros registros físicos como livros, discos etc. É a uma dimensão de uma pós-vivência da ocasião, por quem não a viveu diretamente. De acordo com Hirsch (1997, *apud* Araújo & Gonçalves, 2012, p. 53),

> O termo reflete uma oscilação inquietante entre continuidade e cisão, sendo observado nos mecanismos de transmissão de memória aos descendentes de vítimas de grandes eventos traumáticos: trata-se de rememorar/conectar a lembrança de gerações anteriores num processo de memória de ligação.

A história da educação formal, como conhecemos hoje, passa pelas primeiras instituições escolares, do período da colonização do país pelos portugueses, e pela vinda da companhia de Jesus, uma grande ordem religiosa da igreja católica, com o objetivo de catequizar e transformar os nativos a religião católica. Hoje, sofremos extremamente por causa de raízes históricas. A escola que hoje temos reflete muito nos tempos dos Jesuítas e é um grande desafio para a educação alcançar seus objetivos de formar cidadãos de forma consistente. A metodologia usada era de memorização, o mesmo usado na minha escola em 2008 quando estudava o ensino fundamental II. Éramos obrigados a memorizar a tabuada, a sentar de fileira e, todos os dias tínhamos, a cantar o hino nacional. Quem chegava atrasado não podia entrar na escola enquanto os alunos não terminassem de cantar o hino nacional. Até hoje não sei por que tínhamos que fazer isso. Há outros fatos que aconteciam na sala de aula, na minha educação básica, que não eram agradáveis. Por exemplo, nas aulas de ciências, quando o professor foi trabalhar sobre o surgimento do universo, ele pediu para fazer um grupo de alunos evangélicos, um de católicos e outro de alunos ateus. Cada grupo, então, deveria falar como acreditava que o mundo surgiu. O debate resumiu-se nisso e no fim não

chegamos a lugar nenhum, pois o professor, no dia seguinte, passou a matéria sobre o surgimento do universo e todos os alunos não questionaram, pois o professor era a autoridade da sala e tínhamos que ficar calados. Esses fatos parecem com os ensinos dos jesuítas quando eles tentaram impor sua religião e suas verdades.

Na matéria Ensino Religioso, a professora só trabalhava conteúdos em relação à igreja católica. No entanto, na sala havia alunos católicos, crentes e ateus, e isso afastava muito uns dos outros e alguns deixavam de participar da matéria. Naquela época, eu fazia crisma e a catequista era também minha professora de Ensino Religioso e trabalhava com os mesmos temas nos dois ambientes Algum tempo depois, me tornei evangélica e a professora veio conversar comigo e, sem eu ter feito nenhum questionamento, disse que eu teria que fazer a matéria sem questionar.

Hoje, como discente da Licenciatura em Educação do Campo, acredito que aqueles conteúdos não deveriam ser parte da sala de aula, porque acredito que devemos estudar a matéria Ensino Religioso com o intuito de informar valores e a respeitar as diferenças. Como futuros professores, temos a chance de mudar este paradigma, lembrando que o foco deve ser na formação de um cidadão incluído na sociedade. Devemos viver de maneira participativa e democrática, reconhecendo que todos têm o mesmo valor, os mesmos direitos e responsabilidades. Em uma sociedade assim, as atitudes e ações dos alunos serão mais coletivas, em torno de um bem maior.

Infelizmente, estamos colhendo as sementes lançadas no passado, com colonização e ditaduras. Vemos que muita coisa não mudou, como busca mostrar essa narrativa. Como futura professora da língua portuguesa e inglesa, espero poder fazer algo para reverter essa história. Mas acredito que a escola precisa fomentar o desenvolvimento de habilidades relevantes para o futuro cidadão como, por exemplo, o pensamento crítico, o trabalho em conjunto, a aceitação da diversidade e a busca de conhecimentos.

Da memória à pós-memória: trajetória escolar

Alina dos Santos Rocha

Durante a nossa trajetória na escola, aprendemos que em 1500 os portugueses descobriram o Brasil. Quando os portugueses chegaram às terras Brasileiras, os índios já estavam aqui, e com o decorrer da história os jesuítas vieram para o Brasil e passaram cuidar da educação na colônia. Nesta narrativa, buscarei relacionar a minha trajetória escolar e os acontecimentos ocorridos durante a colonização que ainda se encontram presentes. Através da imaginação, podemos vivenciar fatos ocorridos e a nós passados, como aqui tentarei fazer.

De 1549 a 1599, a catequese, comandada pelos jesuítas, era a educação usada para dominar os índios e negros, expandindo assim a religião católica. Para Saviani (2011, p.47, *apud* JUCÁ, 2017, p.52) "A catequese era usada como um processo de aculturação da população colonial nas tradições e nos costumes do colonizador". Assim, pode-se perceber como os acontecimentos da colonização, como a educação Jesuíta, transcorreram anos e vieram fazer parte da minha infância.

Lembro-me que no ensino fundamental I, a professora nos obrigava a fazer a oração da igreja católica, todos de pé, com as mãozinhas juntas e os olhos fechados. Recordo que na sala tinha vinte cinco alunos, de religiões diversificadas e ignoradas, uma vez que a única oração feita era da igreja católica. Além desse fato, a escola que estudei trazia outros rastros dos séculos passados e da escola tradicional: a sala era organizada por fileiras, os estudantes uniformizados, a metodologia com muitos exercícios que não envolviam a prática e todos os alunos tinham de decorar a tabuada. Além disso, antes de começar as aulas, éramos levados para o pátio e colocados em fileiras para cantar o hino nacional. Se algum aluno não participasse, era levado para a sala da diretora. Sobre o uso do uniforme, me recordo de uma vez ser expulsa da sala de aula por estar sem o uniforme, devido estar molhado ou sujo. Todos esses traços são das escolas tradicionais.

Nos primeiros séculos após a colonização, as mulheres não podiam estudar e essa conquista é muito recente. Essa desigualdade fez parte da minha juventude, onde, nas apresentações nas escolas, a mulher sempre era a dona de casa. Na minha experiência, as adolescentes sempre foram vistas com desigualdade, pois estavam estudando somente para se casarem e cuidar dos filhos.

Com todo esse histórico, acabei não fazendo o ensino médio no tempo regular e fui terminá-lo no EJA (Educação para jovens e adultos). Em 2017 fiz minha inscrição para o vestibular na UFVJM e fui chamada de louca por professor que não acreditava que aluno do EJA conseguisse entrar em uma faculdade. Quando

saiu o resultado, com a minha aprovação, já me encontrava divorciada e com duas filhas e recebi muitas críticas da sociedade dizendo que uma mulher divorciada não poderia sair de casa para estudar e largar os filhos. Passei por cima de todo esse tabu que vem se arrastando há décadas, para hoje estar na faculdade.

Nota-se que, com o passar dos anos, poucas mudanças ocorreram na educação e na sociedade. A cultura de que a mulher nasceu para ser dona de casa ainda permanece. São necessárias, assim, muitas lutas em busca da igualdade dos papéis sociais de ambos os sexos.

Recortes e retratos da colonização que afetam a construção da identidade do professor do campo

Ângela Gomes Freire

Refletindo quanto ao processo da Colonização do Brasil, que culmina em sua integração ao mundo ocidental, de acordo com Saviani (2011), a educação e a catequese são aspectos a serem notados, pois suas carregamos marcas até hoje, como quando observamos o professor em sala de aula.

Leina Jucá (2017) afirma que a trajetória histórica da formação docente no Brasil teve início quando da implantação do sistema educacional jesuíta, após o 'descobrimento'. Os religiosos, a partir da prática pedagógica, expandiram não apenas a dominação religiosa, mas implantaram estabelecimentos de ensino que dominaram o ensino na colônia por longo tempo. Mas, com a reforma pombalina em 1808, ocorre a expulsão dos religiosos (SAVIANI, 2011). Uma das mudanças introduzidas pela legislação pombalina deveria ser a ocupação e o povoamento do Vale do Jequitinhonha através da guerra declarada aos índios Botocudos, instalando quartéis para a dominação e extermínio de aldeias que viessem a resistir (MORENO, 2001).

Durante minha vida escolar, nunca ouvi contar sobre lutas ou guerras no Vale do Jequitinhonha, mas ao longo do meu engajamento em grupos socioculturais fui me apropriando desses episódios. Compreender por que o Vale do Jequitinhonha é dividido em três regiões - Alto, Médio e Baixo Jequitinhonha - se deve ao processo de colonização pela Corte Portuguesa, com núcleos da exploração do ouro como Diamantina, Serro e Minas Novas. Essa região vem sendo ocupada pelo desde o século XVI, período no qual surgiram as "entradas" – expedições à busca de índios para escravização, de terras para ocupação, e dos cobiçados metais preciosos (MORENO, 2001). A região do Médio Jequitinhonha era próspera, animada pelo intenso comércio com o Alto Jequitinhonha e o Jequitinhonha baiano, ou Baixo, próximo à foz em Belmonte, município baiano. No porto situado em Araçuaí é que frotas de canoas trafegavam vindas de Belmonte e Canavieiras, carregadas de sal, produtos manufaturados da Europa, querosene e outros, em troca por produtos agrícolas e minerais. A região do Baixo Jequitinhonha, por sua vez, começou a ser explorada e ocupada em 1811, início do século XIX. Estruturou-se sua economia a partir da criação de gado em grandes fazendas, pois o interesse ocorreu a partir da decadência da mineração, no final do século XVIII, que justifica a procura de novas terras para a agricultura. Pela agricultura, então, devastou-se a mata habitada por índios Botocudos onde pequena parte desses indígenas resistem até hoje, apesar da violência.

Há, ainda, a história mal contada sobre a fundação da cidade de Araçuaí. Por um lado, o Padre Carlos Pereira Freire de Moura, fundou, na confluência dos rios Araçuaí e Jequitinhonha a Aldeia do Pontal, atual município de Itira. Ordenado padre em 1809, o reverendo pretendia criar um povoado digno dos preceitos cristãos. No entanto, uma mulata chamada Luciana Teixeira abre no local um prostíbulo, tornando-o mais atrativo. Revoltado com a perda de fiéis, o sacerdote resolve promover a expulsão de Luciana Teixeira e suas meretrizes, amaldiçoando-as com pragas e insultos proferidos em procissões, ladainhas, sermões (PAULINO, 1977). Ela, porém, resolve subir o rio Araçuaí cerca de oito léguas, em sua confluência com o ribeirão Calhauzinho, para recomeçar seu negócio. Os canoeiros, com o tempo, foram abandonando a Aldeia do Pontal; os fazendeiros passaram a frequentar a pousada nova e, assim, outro porto comercial se estabeleceu. Alguns não aceitam a versão de a fundadora da cidade ter sido meretriz, outros sim. Assim, a história da cidade é contada por fragmentos e cada versão é apresentada por viés de conveniência. Mas mesmo neste cenário onde a oralidade é a principal fonte de informação, é possível captar o entendimento da força controladora e o domínio sobre os menos favorecidos. Assim, notam-se na história a existência de proprietários de grandes extensões de terra que controlam seus agregados, que não tinha direito a coisa nenhuma. A esses, era concedido apenas um pedaço de terra para trabalhar com sua prole por toda uma vida, ou não, caso fosse mandado para fora da propriedade sem direito a nada, o que poderia acontecer.

Fui absorvendo essas diferentes histórias contadas por meus avós, ou por pessoas que circulavam em minha casa, ou em fazendas que meus pais costumavam visitar, desde a infância. Crescida, envolvida com sindicatos e movimentos culturais, pude compreender a implantação dos quartéis na região, unicamente para aprisionar índios para sua aculturação e domínio de suas terras. E mais uma vez lá estava os jesuítas, designados para "*amansar os índios*". Aprisionavam famílias inteiras; antes, porém tratavam de dividi-los em diferentes quartéis onde eram forçados a vestirem roupas que lhes tapassem "as vergonhas", a trabalharem na lavoura e a rezar em latim. Aqueles que se recusavam sofriam terríveis castigos, sendo um dos mais cruéis o corte de parte da língua para negar sua origem e adentrar-se nas regras dos brancos.

Também em minha infância pude ouvir, ao redor de fogueiras e rodas de conversas, sobre negros que viraram santos e, em dias de celebrações, pude presenciar padres e freiras recusando-se a reverenciar esses santos. É o caso da escrava Feliciana em Itinga; Pai Joaquim em Jenipapo de Minas; Nossa Senhora do Rosário em Araçuaí. Aos poucos, fui absorvendo minha descendência, a quem, obviamente, foi negado o direito de ir à escola, como foi comum a todos os mestiços da história, a exemplo de índios e negros do Brasil colônia e do Império.

Outros exemplos de autoritarismo, que se arrasta desde 1500, são facilmente encontráveis na minha família: minha avó materna, por exemplo, foi criada em uma fazenda por diferentes pessoas e teve um casamento arranjado. Uma vez que a "Sinhá" descobriu seu romance com o filho, a expulsa da fazenda e, na cidade onde foi parar, à beira do ribeirão Calhauzinho, foi morar em um barraco de pau-a-pique. Para sobreviver, carregava potes e latas d'água na cabeça para as famílias ilustres da cidade em troca de um pouco de comida ou "retalhos" de carne, quando sobravam.

Meu avô materno, que sempre estava desempregado por não aguentar desaforos dos patrões, é outro exemplo. Meus avós paternos pouco conheci, pois viviam se mudando. Soube que minha bisavó tinha sido capturada no laço e por cães, assunto delicado que nunca foi bem-vindo. Quanto aos meus pais, minha mãe estudou até o antigo quarto ano, pois teve de escolher entre ajudar no sustento da casa ou comprar o uniforme. Para ajudar no sustento, então, foi morar com sua madrinha onde serviu de empregada doméstica para ganhar uma feira para sua família e roupas surradas das meninas da casa. Conheceu um canoeiro e se casou no religioso. Foi morar em Berilo e por lá teve quatro filhos. Mais tarde seu marido a abandonou, pois canoeiro costumava ter uma família a cada porto. Depois de perder uma de suas filhas com apenas dois anos de idade, resolve retornar para Araçuaí. Mais tarde, seu ex-marido aparece e lhe toma os filhos mais velhos, deixando-a apenas com o caçula. Mas ela reconstrói sua vida com um novo marido, meu pai. Nota-se, nessas atitudes horrendas, que a mulher era subjugada e condenada pela sociedade machista e sofria em silêncio com o falso moralismo da época.

Quanto ao meu pai, mudava-se de um lugar para outro, trabalhava em fazendas e finalmente, trabalhou fichado no Departamento de Estradas e Rodagens (DER), onde dedicava-se de sol a sol para ganhar ninharia que vinha quase sempre atrasada. Conheceu minha mãe, lavadeira de uma pensão para homens, ao qual era hospedado e decidiram-se "amigar". Ele, homem rígido e autoritário, não permitiu que ela trabalhasse para ajudar no sustento da casa, pois o pensamento da época é que o homem deveria ser o esteio da casa e mulher casada deveria servir ao marido. Desde muito cedo ouvia de meus pais que eu deveria estudar para ser alguém na vida e para não passar pelo que passaram. Nesses recortes de memória, me recordo que não fiz educação infantil, mas frequentei a educação básica a partir do fundamental I, de 1979 a 1982, na Escola Estadual Coronel Manuel Fulgêncio, escola pública com todos os requintes de rigidez disciplinar. No chamado ginásio, o atual fundamental II, de 1983 a 1986, fui para o Colégio Nazareth que detinha a coordenação do ensino da E. E. Dom José de Haas. O Colégio Nazareth funcionou, primeiramente, em regime de internato e depois foi se adequando aos tempos, mas manteve seu intuito de evangelização através da educação. Permaneci no

estabelecimento até me formar em 1989. O colégio foi fundado pela congregação das Irmãs Franciscanas Penitentes Recoletinas, grupo de freiras que partiu da Holanda em 1926, com as promessas de uma nova terra prometida.

Todas essas reflexões me ajudam a entender a construção das nossas próprias identidades, a entender o universo que estamos adentrando, sobretudo porque o novo cenário educacional exige mais do que enxergar o indivíduo como depósito de conhecimento. Necessitamos reagir frente ao que fomos e somos, nos assumindo como sujeitos da história em constante evolução. É preciso que os tempos atuais não estejam atreladas a ordens religiosas. Para os sujeitos do campo é preciso garantir o direito ao ensino público de qualidade, a partir das necessidades dos indivíduos, com dignidade e respeito às suas identidades.

Pós-memória e os acontecimentos da minha Infância

Claudiana Fernandes da Silva

Falar de memórias nada mais é do que relembrar do passado, trazer tudo aquilo que ficou gravado em nossa mente, as vivências e as experiências, as lembranças que, mesmo com o passar dos anos, permanecem vivas. Rememorar é construir novas histórias e evoluir cada vez mais, pena que muitas vezes as pessoas não deem a mínima para o passado. Na minha infância, sobretudo na escola, tive algumas vivências marcantes. Lembro-me de alguma rigidez de alguns professores na forma de educar seus alunos. Para mim, como futura docente, é bom relembrar dos traços marcantes de toda a história da educação no Brasil, passar por períodos como a colonização e a ditadura militar, pois ajudaram na construção do que temos hoje, até com os traumas que abalaram nosso psicológico de certa forma. Então, rever esses eventos me ajuda a não cometer os erros que presenciei com meus estudantes quando eu estiver na regência.

A memória influencia as decisões que tomamos no presente, a memória tem o poder de eternizar tradições, ações e sentimentos. Para Le Golff (1996, p. 438), a memória é o antídoto do esquecimento, mas para isso a memória tem de ser contada através de narrativas escritas ou orais. Quando essa memória é transmitida para aqueles que não estavam presente no momento do acontecimento, mis que de certa forma deu a eles um novo significado, é chamada de pós-memória.

Na minha infância, no período de escola, tive alguns momentos que me levavam a pensar em desistir de estudar. Já tive medo da professora e sofri bullying por ser gordinha e, então, falava com minha mãe que não iria estudar mais e nem voltar para escola. Eu vivia estressada com meus colegas que me chamavam de baleia assassina e até de mulher macho, que de macho não tinha nada. Alguns até tinham medo de mim, mas é porque eu me defendia com violência. Quando eu chegava em casa, chorava muito eu era uma pessoa doce, calma, meiga e tranquila. Mas quando me chamava de gordinha, aí eu mudava completamente, queria bater em todo mundo que me irritava, inclusive nos meninos, que mais me ofendiam.

De certa forma, tudo isso me machucava. Com fama de brigona, parava sempre na secretaria e era obrigada a fazer muitos cálculos nos quais, por sinal, eu era ruim. Eu também não gostava e ser obrigada a fazer algo. Além de tudo, os alunos passavam rindo e caçoando de mim do lado de fora da secretária. Isso de certa forma me fez odiar a disciplina matemática ou qualquer disciplina que envolva cálculo. Era comum ter que falar a tabuada de cor para professora também. Por isso, eu não dormia pensando nos cálculos e na vara enorme que a professora batia

na cabeça da gente quando errávamos. Esses foram momento que lembram muito o período militar, que reflete na forma como os professores exerciam seu poder de autoridade dentro das escolas. Por falar em tradição militar, na escola a gente tinha o momento cívico para cantarmos o Hino Nacional Brasileiro em filas. Não que eu não concordasse, pois vejo que, apesar do país não estar passando por momentos tão bons com muitos acontecimentos como violência, desigualdade social e desempregos, lembrar-se da nossa Pátria, para muitos, se torna importante. Outros colegas achavam uma chatice obrigatória, um modelo de escola tradicional rígido impondo suas ordens que mais parecia um batalhão com pessoas enfileiradas, típico da ditadura militar.

Existia também o ensino religioso obrigatório, que muitos pais evangélicos ou ateus não permitiam que seus filhos assistissem às aulas. Esse tipo de decisão acontecia porque achavam que a disciplina, por ser ensino religioso voltado ao catolicismo, iria influenciar os alunos com a fé crista católica. Porém, nesse caso da disciplina de ensino religioso, acho que deveria de ter outras atividades que não envolvessem religião para os estudantes que não frequentassem a aula.

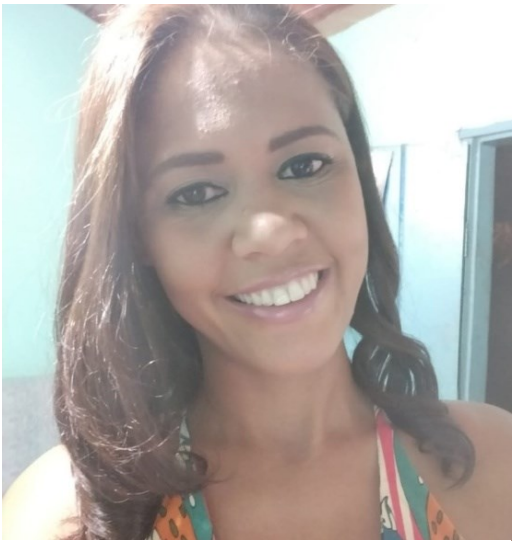
A língua inglesa para mim não tinha tanto significado, mas como futura educadora vejo sua importância para comunicação com pessoas do mundo inteiro. Foi no período do império que as reformas Pombalinas implantaram o ensino educacional no Brasil, o estudo de línguas estrangeiras na época aconteceu por necessidade ao se abrir os portos do país para outros países. Nesta época, a classe alta que teve oportunidades, parecido com hoje que, para se ter acesso, há de se ter dinheiro. Apesar das mudanças de acesso dos últimos anos, hoje se vê uma minoria de estudantes negros, pobres e indígenas que têm acesso a faculdades, pois muitos outros são desprovidos de uma boa educação.

O surgimento de novas tecnologias facilitou a vida do professor e dos estudantes de modo geral. Vejo a tecnologia como um meio para educação, que direciona a interatividade entre aluno e professor e gera um mundo de conhecimento que pode ser útil nas salas de aula, na qualificação dos docentes ou criando várias formas de ensinar e aprender.

Com o passar dos anos, muita coisa evoluiu e os professores são menos autoritários. Antigamente respeitava-se mais os professores, mas a forma de ensinar autoritária não trouxe tão boas consequências. Como futura educadora, vejo que cada um possui o tempo certo de aprender e o professor precisa buscar temas significativos e enriquecedores, trazer conteúdos para dentro das salas de aula que dialoguem com as realidades, que trabalhem a autoestima e a ética, entre outros.

Pós-memória e atualidade

Denise Pinheiro Rodrigues



3 *Arquivo pessoal da autora*

Ainda hoje nas escolas são vistas marcas da colonização brasileira, bem como a propagação da fé cristã católica. Em minha infância e adolescência o que acontecia diariamente ao iniciar as aulas era a oração do Pai Nosso feita pela maioria dos professores no primeiro horário de aula. Os alunos que não eram da religião católica sentiam-se constrangidos e relatavam que os pais haviam passado ensinamentos diferentes em relação à religião e que a escola, por sua vez, não respeitava seus costumes e não contemplava suas religiões.

Retomando o momento colonial, especialmente até 1822, ano da independência, encontramos os jesuítas que tinham a missão de catequizar os índios, com o interesse de doutriná-los na cultura cristã. Ainda vejo isso na educação básica no exemplo da obrigação da reza imposta por alguns professores. Enquanto aluna, eu não percebia a relação tão grande da com o âmbito escolar. Como futura docente, percebo que isso me afeta diretamente, bem como outros acontecimentos que não pude vivenciar. É a chamada pós-memória. Segundo Araújo e Gonçalves (2012), pós-memória é a maneira pela qual o indivíduo permite se aproximar de fatos por ele não vivenciados. Para os autores (ARAÚJO E GONÇALVES, 2012):

> É comum para as vítimas de eventos traumáticos, como foi o regime ditatorial na América Latina, carregarem em suas memórias experiências inenarráveis de quem viveu sob o signo da dor, carregarem em seu semblante o sofrimento, consequência da experiência daqueles que estiveram no limiar da morte. E através dos relatos, partilhando do processo de transmissão de memórias, podemos aproximar a nossa realidade um mundo por nós não vivenciado. (p.52)

É o que acontece conosco quando, mesmo sem ter vivido a ditadura, por exemplo, notamos o quanto o autoritarismo típico da época afeta nosso ensino. A

ditadura começou em 1964 e terminou em 1984, mas experiências recentes de alteração de leis no Brasil remetem ao período. Nessa época, o ensino de história e geografia foram diluídos e vigiados e filosofia e sociologia foram cortados, pois o governo queria controlar a informação e o conhecimento como forma de dominação. Na chamada reforma do ensino médio em 2018, a diminuição dos citados conteúdos também aconteceu.

O regime militar foi um período no qual o estado resolveu fazer da violência uma ferramenta cotidiana da política. Com censuras, torturas e mortes, os militares governaram o país por mais de vinte anos sob a justificativa de tentar conter o comunismo. E isso se refletiu nas últimas eleições hoje no Brasil, com a volta da ficção sobre o comunismo e, na expectativa de um melhor governo, na eleição de um militar em 2018. Para os governos militares que tivemos, apenas a elite devia ter acesso às universidades, por exemplo. Foram os militares, na época da ditadura e agora, que buscaram acabar com a educação crítica e dar ênfase ao ensino técnico para os pobres, isso para que se formassem mais trabalhadores com o estudo direcionado a servir a elite.

Nesse caminho autoritário e com resquícios de colonialismo, assim como o sistema de saúde, a educação pública foi perdendo investimento e passou a ser associada às camadas mais pobres da população. O analfabetismo continuou por não oferecerem uma educação de qualidade e isso perdura até hoje, com um número alto de analfabetismo no país.

Ao pensar nos modelos de educação antigo e atual, notamos que não houve muita mudança na questão dialógica entre as relações professor/aluno, tendo em vista os conteúdos ministrados que, na minha experiência enquanto aluna, não contemplam suas realidades. Acredito que a alfabetização e todo o ensino da educação deviam partir de discursos novos, já que o conhecimento está sempre em transformação, embora muitas vezes focados em práticas antigas.

Pós-memória da colonização que perpetua na contemporaneidade

Edilaisa Ramos Pego

4 <pixabay.com>

Segundo Araújo e Gonçalves (2012), a capacidade humana de narrar e expor sua vivência no discurso subjetivo, relatando em diários suas memórias, compartilhando as experiências individuais com outros sujeitos, é chamada de pós-memória. Essa transmissão de memórias, repassadas a sujeitos que não vivenciaram os fatos, é também uma forma de transmitir experiências através do relato. A troca de experiência, inicialmente, ocorre pela narrativa oral, mas desde a invenção da imprensa acontece muito via escrita também. Esse processo trata de rememorar lembranças de gerações anteriores, conhecida como memória de ligação. Isso ocorre de pai para filho, avô para neto e assim sucessivamente. Muitas são as histórias narradas pelos nossos ancestrais, que são carregadas de experiências que marcam profundamente nossas vidas e nossa formação enquanto sujeitos.

Buscando pós-memórias sobre a colonização, lembro que desde criança ouvi minha avó narrar histórias de violência, que marcam a vida de muitas mulheres indígenas. Ela contava que a bisavó dela era uma índia que foi pega no laço pelo homem branco, crueldade que se perpetua, desde a era colonial até hoje, contra as mulheres. Homens guiados por sua ambição e "extinto predador" violam o que há de mais sagrado no humano, seu corpo, sua alma e seu direito de escolha. Por se sentirem superiores aos indígenas e aos negros vindos da África, os europeus os tratavam como objetos.

O Brasil teve sua história forjada nas marcas da dor, da violência, da crueldade e da morte de milhares de inocentes. Palavras mórbidas, como "minha vó foi pega no laço", tão comum de ouvir hoje em dia em tom romantizado, traduzem um ato vil de uma cultura que infelizmente se perpetua até hoje: a cultura do estupro. Trata-se da principal ferramenta de subjugação e poder do machismo velado usada contra as mulheres, existente desde que o mundo é mundo.

Um rastro forte da Educação Jesuíta presente na educação atual, ou pelo menos quando cursei ensino básico (2005-2011), era o ensino religioso muito voltado para o catolicismo. Eu não tinha isso como problema por ser a religião que sigo, mas ouvia muitos colegas que eram de outras religiões reclamarem e dizerem não ver sentido estudar uma religião que não era a deles. E o que dizer dos que não seguem nenhuma religião ou são ateus? Viviam frustrados por serem obrigados assistirem uma aula que para eles não tinham sentido.

O ensino da língua inglesa na educação básica fica muito preso ao verbo *To be*, sem fazer um paralelo com as necessidades dos estudantes. O trabalho com essa língua possui um rendimento muito baixo, como o tempo a ela dedicado, uma ou duas aulas semanais. Em termos de metodologia, continua bem parecida com a época do Império como afirma Jucá (2017, p. 61); "(...) adotando, inclusive, as mesmas metodologias de ensino: tradução de texto e análise gramatical."

No período da ditadura militar, a maior preocupação era a industrialização, como foco em formar indivíduos capazes de executar tarefas e não pensar sobre elas. O que é bem presente na contemporaneidade com o atual governo, onde a preocupação está apenas em nível capitalista. Marcas do autoritarismo que lembro quando cursei o ensino básico é que só entravámos na escola de uniforme, composto de camisa da escola e calça jeans. No mês de setembro, éramos obrigados a formar fila e ficar em posição de respeito para cantar o Hino Nacional durante o levantamento da bandeira. Nas salas de aulas, as carteiras eram dispostas em fileiras e o professor passava no quadro o conteúdo programado para aquela aula. Sobre diálogo, apenas o professor falava, o estudante só podia falar quando permitido.

Como futuros educadores, precisamos procurar ao máximo trabalhar os conteúdos de forma contextualizada, com temas como cultura indígena e afro-brasileira além das datas comemorativas. Uma releitura de pós-memórias dos nossos ancestrais e do nosso país nos ajuda a refletir sobre o quão importantes são esses povos e como essas culturas foram e são importantes para a nossa existência.

Nesse sentido, também é importante atentar-se às novas tecnologias, como recursos a nosso favor nos processos de pesquisa e ensino-aprendizagem. Precisamos trabalhar de formar interdisciplinar para entendermos nosso mundo e seus problemas sobre diferentes aspectos. Só assim enxergaremos e narraremos a história do nosso povo indígena e afro com orgulho, pois o sangue que corre na veia dos brasileiros é o sangue de verdadeiros guerreiros e heróis que lutaram e lutam por um espaço ao sol.

A pós-memória e o processo educacional

Elias Pereira Xavier

O ensino passou por diferentes etapas. Houve a época em que era "repassado" pelos professores de formas mais autoritária, havia a concepção de que somente ele possuía o conhecimento e por isso era o responsável por transmitir as informações. Esse sistema foi usado para a dominação dos sujeitos, como pode nos mostrar a pós-memória que, de certa forma, nos permite adquirir informações sobre períodos que não vivemos, mas influenciam no nosso presente.

5 Arquivo pessoal do autor

Atualmente, os professores possuem mais afinidades com os estudantes, porém ainda é possível identificar marcos da doutrinação. Em alguns casos, o professor é a pessoa mais autoritária na sala de aula, mantendo uma relação de mão única com os estudantes, ou seja, somente interessa em "transmitir" conhecimento, mas não estimula o senso crítico ou dá abertura para a troca de conhecimento

Nas aulas de religião, um professor que lecionou para mim pertencia ao catolicismo e a maioria dos conteúdos referiam-se ao catolicismo, mesmo muitos sendo evangélicos. Relaciono isso com ao momento em que os jesuítas forçavam os índios a adaptar seu modo de vida deixando sua cultura e passando a seguir outro modo de vida e crença, passando a ser católicos.

Também já presenciei alguns aspectos que refletem o período imperial na educação. Durante meu ensino fundamental, percebi que os estudantes eram subdivididos por "grau de inteligência"; assim, os alunos que tinham menor desempenho ficavam em uma sala separada dos alunos que eram mais inteligentes. É possível perceber que essa cultura vem de muitos anos atrás, sendo que desde o império os menos favorecidos frequentam escolas e salas diferentes dos alunos com

maiores condições financeiras, ou seja, sempre houve separação entre a classe baixa e a elite.

Na minha vida escolar, também vivenciei rastros da educação militar, pois na escola básica muitas vezes éramos forçados a cantar o hino nacional brasileiro antes de iniciarmos as aulas. Outro aspecto que destaco durante minha jornada escolar e o autoritarismo refere-se às carteiras das classes, que tinham que ser enfileiradas, refletindo o modo tradicional e sem diálogo de escola, que não era permitido alterar. Também erámos forçados a utilizar uniformes escolares, pois se não usássemos não poderíamos entrar para participar das aulas. Esse fato é decorrente do modo de ensinar no período da ditadura, pois nessa época os militares também eram os professores, colocando os alunos em fileiras como se estivessem em quartéis obedecendo ao professor tido como comandante.

A educação obteve grandes avanços até os dias de hoje, exemplo disso tem sido o acesso mais aberto às classes menos favorecidas. As novas tecnologias também têm possibilitado o processo de ensino-aprendizagem e o acesso. Antes as pessoas do campo não tinham acesso à educação e hoje muitas delas já estão no ensino superior

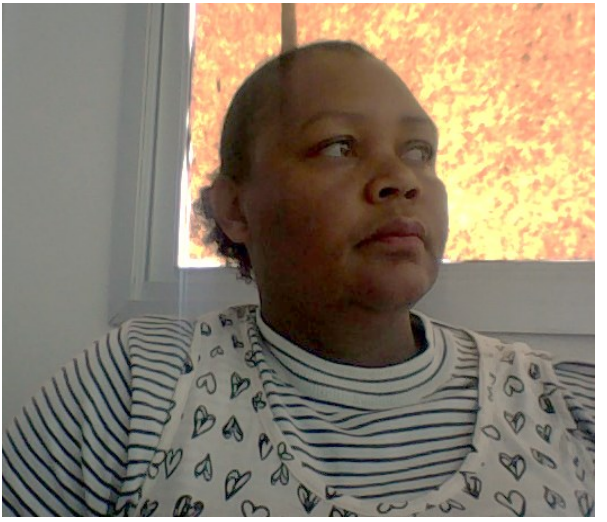
O período colonial foi marcado pela doutrinação e o autoritarismo; desde os jesuítas até os militares que buscavam enquadrar as pessoas em um modo de vida padrão. Para isso, utilizaram da educação com métodos de ensino opressores causando mudanças no modo de vida e na construção de identidades sendo que os sujeitos eram obrigados a abandonarem suas culturas e crenças. Acredito que a educação deve ser utilizada para promover autonomia, empoderamento e libertação, ou seja, a principal forma de intervir na realidade dos sujeitos, proporcionando uma nova visão de vida, pois o ato de ensinar vai além dos muros da escola e pode chegar a toda a comunidade.

Nesse sentido, como futuro educador, vejo que é necessário um ensino que permita ao estudante desenvolver seu senso crítico e os estimule a buscarem conhecimento. Acredito, ainda, que o professor deve ser mediador para que possa não somente repassar informações, mas fornecer caminhos para a construção do conhecimento de forma individual e coletiva.

Voltando aos fatos: pós-memória, colonização e atualidade

Eliene de Souza Silva

Analisando Araújo e Gonçalves (2012), pós-memória, segundo eles, seria a narrativa de tempos passados, de momentos que não vivemos, mas que atribui aos eventos atuais um novo significado. Mas para que sirva de conhecimento, a pós-memória deve ser repassada pelos livros ou compartilhada oralmente para que esteja de fato nas memórias e nas reflexões.



6 Arquivo pessoal da autora

A educação que está sendo mostrada em Jucá (2017), no período colonial, é racista, pois se percebe que a cultura daqueles povos está sob ameaça, e podem sofrer alterações e transformações a qualquer momento, por serem parte de um povo diferente.

Para Saviani (2011), em se tratando de caráter religioso, como era o caso das escolas jesuítas da colonização, as ideias pedagógicas disseminavam a visão cristã de que o homem teria sido criado por Deus à sua imagem e semelhança, em detrimento de outras crenças. Adicionalmente, seria pecado a diversidade de gênero, a liberdade de expressão, questões de fundo pessoal que não deveriam, ser preocupação do estado. Pensando na realidade em vivemos, nos deparamos com coisas que são bem parecidas com aquela época, como a influência da religião na educação. Há muita coisa ainda para ser modificada, como a capacitação do professor que, de uma certa forma, ainda vivem os traços que foram passados pelos jesuítas, com enfoque espiritual. No que se refere ao enfoque dos conteúdos, ainda valoriza, como no passado, os estudos gramaticais, a leitura e a tradução de textos clássicos.

Para Saviani (2011), com a implantação de reformas educacionais, o Brasil enfrentou problemas muito graves em relação a falta de professores capacitados,

além dos recursos financeiros insuficientes para financiar a educação. Ainda hoje, a escassez de professores capacitados continua sendo um dilema no Brasil, pois existe uma quantidade enorme de professores em fase de formação que já estão em sala de aula lecionando. E muito deles não usam outro recurso em sala de aula que não seja o livro didático. Portanto, para mim, não houve grandes mudanças com relação aos anos anteriores.

Os movimentos estudantis e as manifestações eram e são até hoje os grandes protagonistas para que as coisas aconteçam. Se existiu e/ou existem manifestações em prol de direitos, a construção das ideias e do movimento, historicamente no século passado, passa pelo movimento estudantil. Para mim, todos esses acontecimentos que foram citados, frutos de pós-memória e resultado da colonização, atualmente estão a serviço de interesses pessoais, o que dificulta a melhoria na educação. A luta, assim, deve continuar para que haja uma educação de qualidade algum dia, ou estará sempre a desejar.

Raízes de memórias da nossa educação brasileira

Emeson Barbosa Porto

7 <pixabay.com>

É muito importante falar da relação existente entre a construção das identidades e a história, pois a história está ligada à construção de uma visão de mundo e, logo, isso poderá ser importante na formação da nossa identidade. Essa relação se mantém em nossa memória com a tradição e com os saberes que são passados pelos nossos ancestrais. Segundo Lima (2017), a pós-memória, por sua vez, só existe com um trabalho de junção de memórias atuais e passadas e, com isso, criamos grandes laços de confiança, curiosidade, e resgate de conhecimentos, mas isso só é possível graças aos nossos ancestrais que repassam suas vivências traumáticas.

Muitas são as raízes da colonização que constituem as pedagogias e o pensamento educacional brasileiro. Tudo começa com o trabalho educativo da Companhia de Jesus no período colonial, a partir de 1549. Com a sua própria forma de educar, essa organização era assegurada na hierarquia, era totalmente forjada numa relação de autoridade de decidia quem possuía conhecimento e que tipo de conhecimento. Algo muito importante que deve ser lembrado é que quando os colonizadores chegaram, os povos aqui existentes, os indígenas, tinham culturas e formas de compartilhar o conhecimento com as gerações mais jovens. Com a chegada dos colonizadores, toda essa tradição foi apagada.

Após a ação da Companhia de Jesus, no Império, o ensino das primeiras letras não era para todos, o que já era de se imaginar com toda essa hierarquização. Sem falar que o ensino era na própria casa por educador particular e exclusivamente para famílias nobres. No Estado Novo, a partir de 1937, houve a proibição do ensino de línguas estrangeiras e as escolas foram obrigadas a seguir apenas os currículos oficiais. Como já era de se esperar, despediram os professores que não eram brasileiros de nacionalidade. Nessa época muitas escolas fecharam e aquelas que permaneceram abertas tiveram que se adaptar, pois o governo era totalmente autoritário.

Atualmente, na prática de professores, no revigoramento da educação privada, as novas legislações pouco dialogadas da educação brasileira, também reiteram muito sobre o regime militar, imposto por mais de duas décadas em nosso país. Também podemos observar atualmente as dificuldades que as escolas vêm encontrando para lidar de forma democrática com a intolerância à diversidade. A temática, na verdade, vem sendo deixada, pois professores estão sofrendo retaliação. Perdemos, assim, com o corte de temas ligados à formação de cidadãos críticos.

O modelo político e econômico da ditadura tinha como característica fundamental um projeto desenvolvimentista que buscava acelerar o crescimento socioeconômico do país, e nenhuma preocupação com a crítica. Da mesa forma, a educação desenhada para o nosso Ensino Médio atual aponta para uma educação tecnicista, que tem como objetivo a formação para o mercado de trabalho, que são motivados por fundamentos da eficiência, produtividade e racionalidade; sem nenhum foco com a criticidade.

Se formos observar bem, vemos nas escolas outras marcas da ditadura militar como, exemplo, a arquitetura que normalmente são corredores muitos extensos, salas de ambos os lados, espaços para convivência muito pequenos; em algumas escolas, as salas são fechadas, com janelas pequenas, o que é outra marca deixada das nossas diversas ditaduras. E isso muitas vezes passa despercebido.

Ressalto que a educação é o resultado de inúmeros atos, usados no decorrer dos anos e até atualmente como instrumentos da ideologia estatal. Esses atos deixaram como legado vários problemas que vieram de erros do passado, como uma educação pouco crítica. No entanto, não devemos desanimar com tudo que está acontecendo ao nosso redor, temos que ser resistentes, pois somos marcas de resistência. Em pensar nos futuros educadores, todos têm que ser persistentes naquilo que almejam, que seja o melhor para os educandos. Não sejamos formadores de tecnicistas, mas sim formadores de cidadãos críticos, que sabem tomar para si o que é melhor. Também temos que pensar que somos formadores de pessoas para o mundo, pois se não prepararmos pessoas para o mundo, posteriormente irão sofrer com a falta de informação que são necessárias para se viver em um mundo com tantas desigualdades.

Pós-memória, colonização e experiências enquanto aluna, professora e futura educadora do campo

Eni Elizabete Marques Ribeiro

8 Arquivo pessoal da autora

Partindo de reflexões sobre memória e pós-memória, mergulhamos num conjunto compartilhado de conhecimentos, importantes na conscientização quanto aos problemas contemporâneos da nossa vida enquanto alunos e futuros educadores.

O Brasil, por ter sido colonizado, sofreu muito com o processo de aculturação, que começou com a catequização dos índios. Como afirma Saviani (2011, p. 47), "(...) a catequese e a instrução eram os meios pelos quais se realizava o processo de aculturação da população colonial". A catequização começou com os jesuítas inaugurando uma fase de dominação que deixou marcas profundas na cultura e na civilização do país, com famílias ou grupos sociais dominados, por classes sociais elevadas ou pela fé. Ainda hoje, é comum vermos bispos, padres, pastores e até mesmo professores nos conduzindo a ações politicamente dominantes. Isso acontece quando religiosos nos induzem a votar em um candidato político ou quando nas aulas de educacão religiosa prevalece o catolicismo. São traumas do passado ainda presentes. Se fizéssemos um passeio pela história da educação no Brasil, veríamos que pouco mundou, ou quase nada. As escolas jesuístas seguem como reflexo na educação atual.

A história da educação brasileira é composta por diversos episódios tristes, o que não é tão diferente com as experiências dos estudantes do curso Licenciatura em Educação do Campo, que são originários de diferentes comunidades, com suas próprias ações educativas, mesmo antes das escolas existirem. Também não podemos afirmar que foram os jesuístas que iniciaram ações educativas no Brasil, pois os povos indígenas já possuíam uma quantidade significativa de experiências.

A educação informal se baseia na transmissão cultural. Como exemplo, podemos podemos citar o trabalho educativo realizado por moradores da comunidade de Capivari, onde moro, com ervas medicinais, que vai desde o cultivo das plantas até a secagem e o preparo dos chás. Fazem parte dessas práticas, os

multirões realizados pelos pais de família para o cultivo, o convívio com amigos, as rodas de dominó, as rodas de conversas etc.. Como nos cita Brandão (1986, p. 32), "O espaço educacional não é escolar. Ele é o lugar da vida e do trabalho: a casa, o templo, a oficina, o barco, o mato, o quintal."

A educação sempre foi pensada pela e para as elites. Até há pouco tempo, em Capivari, quem estudava eram os filhos de uma única família. As oportunidades expandiram, mas hoje há muitos desafios a serem enfrentados, como a permanência e a aprendizagem, pois de nada adianta oferecer escolas e não oferecer condições de aprendizagem.

Excludente e com viés fortemente religioso desde o período do império, o modelo mais próximo do que temos hoje surge em 1823, quando Dom Pedro I declara em assembleia constituinte a iniciativa de uma escola de ensino mútuo, onde alunos que se destacavam eram utilizados como monitores dos demais. O que não é muito diferente de hoje: salas lotadas e com turmas multisseriadas, e quem ajuda o professor também são os alunos mais adiantados.

A educação brasileira é afetada, ainda, pela ditadura militar que restringiu as liberdades individuais e políticas, censurou a opinião pública, exilou alunos e professores, dentre outros. Como resquício, as escolas encontram dificuldades em lidar com a aprendizagem de forma democrática; além da intolerância religiosa e à diversidade de gênero. Como políticas de estado, exemplos culminam em iniciativas como a reforma do ensino médio, onde Filosofia e Sociologia, duas disciplinas importantes para uma educação crítica, podem sumir do currículo escolar. Esse é o desejo do governo atual que, com um novo currículo, busca reforçar suas ideologias políticas.

Na sociedade atual, o ritmo acelerado e constantes avanços tecnológicos do setor educacional colocam professores e alunos frente a uma quantidade avassaladora de informações, transformando-os em meros executores e receptores de projetos elaborados de forma autoritárias e sem qualquer vínculo com o contexto social. Tais fatos criam para os alunos e professores quase a obrigação de consumirem as informações. Cabe ao governo brasileiro possibilitar a execução de políticas públicas que garantam, em especial às comunidades rurais, o acesso aos avanços frente às novas tecnologias; mas nem sempre as coisas acontecem como esperamos e esse acesso nos é negado porque é uma forma de manter a injusta relação de poder existente.

Finalizando, não podemos nos esquecer que a educação brasileira carrega a marca inevitável do processo de colonização planejado e desenvolvido desde os jesuítas, pelos impérios que nos governaram e governam e pelos militares, tendo em vista que a educação no Brasil sempre foi instrumento de poder político.

Reflexões de pós-memórias e evoluções

Girlene Barbosa Da Silva

Pós-memória refere-se a eventos ocorridos no passado, com experiências traumáticas e impactos visíveis na atualidade. Normalmente, as vítimas de acontecimentos traumáticos compartilham suas memórias com as próximas gerações, o que caracteriza uma pós-memória. Como pontuam Araújo e Gonçalves:

> (...) é comum para as vítimas de eventos traumáticos, como foi o regime ditatorial na América Latina, carregarem em suas memórias experiências inenarráveis de quem viveu sob o signo da dor, carregarem em seu semblante o sofrimento, consequência da experiência daqueles que estiveram no limiar da morte. (2012, p. 52)

As pós-memórias possuem influência para nossa formação em diversas áreas do conhecimento, além das questões culturais como religião e tradições. Percebe-se que a colonização, com uma educação que começa com os jesuítas e a catequização dos índios, nos deixou uma imensa bagagem de ensinamentos que, apesar de passados, não são atualizados como resultado de disputas sociais e políticas, a exemplo dos preconceitos diversos que vivemos.

9 <pixabay.com>

A educação jesuíta veio ao Brasil com intuito de catequizar os índios, de modo que para os Jesuítas "A religião católica era considerada obra de Deus, enquanto as religiões dos índios e dos negros vindos da África eram obra do demônio" (SAVIANI, 2013, p. 47). Assim, a catequese era justificada com intuito de expandir a fé cristã. Mas será que eles realmente precisavam ser educados com aspectos de outras culturas, esquecendo-se das suas? Eram mesmo selvagens e por isso precisavam do Deus católico? Ou precisavam de uma educação voltada para memória de seus povos e suas próprias identidades?

Os objetivos da educação, naquele e em qualquer período, devem estar ancorados na valorização das culturas, dos saberes e crenças dos povos. Só assim tiraremos o povo da condição de oprimidos, usando de métodos de valorização de

suas culturas, como os recontos e os causos, para que tracem seus próprios caminhos e repassem suas histórias para as gerações seguintes.

Devo ressaltar que já estive em instituições educativas que ainda há elementos da educação jesuíta, como conteúdos bíblicos passados através de pintura, teatro, leitura. Neste curso de formação de docentes do campo que participo, há momentos em que há uma relação bem próxima do aluno e sua realidade. Lembro-me que houve disciplinas que abordava fatos religiosos como questões sobre outras religiões, sexualidade e gênero. Certos conteúdos geravam incômodo, mas isso se dava por serem assuntos poucos discutidos e trabalhados nas escolas. Como futura educadora de língua portuguesa e inglesa, creio que é relevante trabalhar conteúdos relacionados a religião e gênero, relembrando que em uma turma pode haver estudantes de religiões e sexualidades distintas. O que não se deve fazer é impor religião ou qualquer outra questão, a exemplo do que faziam os jesuítas. Então, se o conteúdo for passado da maneira correta e respeitosa quanto às escolhas de cada um, não haverá problemas.

Sobre as influências da ditadura na educação, nos vem a questão da obrigatoriedade de se cantar o hino nacional na escola e de quando éramos organizados em filas e com postura correta nos moldes padrões das escolas tecnicistas. No entanto, para não demonstrar isso como algo obrigatório de um regime militar, em determinados casos, na minha experiência, o professor optava em tornar essa ativada avaliativa, assim todos faziam o possível para obedecer, mas com a desculpa do patriotismo.

Após esse breve apanhado histórico, percebesse-se a grande evolução ocorrida na educação, desde a educação jesuíta até os dias atuais, é de fato o acesso mais fácil a todos.

Influências de eventos políticos na identidade dos professores de línguas

Héllen Fernandes Santos

O objetivo central desse texto é analisar como narrativas históricas de eventos políticos influenciam nas identidades dos professores de línguas, sejam elas fruto de memórias ou do que se chama de pós-memória. As pós-memórias caracterizam-se por serem narrativas de relatos de momentos históricos traumáticos que não presenciamos. Como relata Hirsch (1997, p. 22),

> São experiências daqueles que crescem e vivem dominados pelas narrativas que precederam seu nascimento, cujas próprias histórias tardias são evacuadas pelas histórias da geração anterior moldadas por eventos traumáticos que não podem ser entendidos nem recriados.

São, por exemplo, aspectos de colonização ligados com influência em na educação, por exemplo. Diante da importância da pós-memória, relatarei alguns aspectos e fatos da educação nos quais vejo rastros da história política brasileira, desde as missões jesuítas durante o colonialismo e as visões autoritárias decorrentes da ditadura militar e da educação do império. A construção de identidade é, na maioria das vezes, influenciada pelos discursos vigentes e sobretudo das ideologias presentes na sociedade. Com isso, todo momento histórico, a exemplo da colonização e da ditadura militar, traz grandes influências na sociedade, e também em relação à educação. Desde a educação imperial, que se iniciou em 1822, em decorrência de a educação ser limitada somente quem tem dinheiro, somos marcados por grandes derrotas na área. Nessa época, eram poucos os que concluíam o ensino primário, fator que até hoje prevalece em nossa sociedade.

10 Arquivo pessoal da autora

Outra herança que trazemos é um ensino religioso nas escolas

ligado ao cristianismo, a exemplo da maioria das famílias. No entanto, ensino religioso não é catequese. Além disso, o professor não pode usar da religião para persuadir estudante. Outro episódio marcante na história foi o chamado Golpe Militar, dado em 1964, que deu origem a um regime sob comando de governos militares, de caráter autoritário e nacionalista, durou mais de 20 anos e traz consequências nos dias atuais; sobretudo no desrespeito aos diretos humanos. Isso é fruto, ainda, da nossa tradição escravocrata, sendo que o Brasil foi o último país a abolir a escravidão.

Nas instituições escolares vemos resquícios de práticas autoritárias em atos como, por exemplo, uniformização dos estudantes, salas enfileiradas, presença do hino nacional, oração todas as manhãs nas salas de aulas, apresentação dos desfiles cívicos, autoritarismo e repressão. Costuma ser um espaço onde o professor apenas transmite conhecimento. Existem hoje sujeitos reprimidos que têm suas vozes silenciadas no ensino básico. Isso tem causado consequências e, de alguma forma, deixará outras futuras gerações.

Em outro contexto, como o familiar, esses aspectos autoritários, resquício dos militares, surgem em forma de silenciamento e autoritarismo dos homens em relação à mulher e aos mais fracos, que se calam. Como pontua Mattos *et al.* (2015, p. 269), "(...) a parcela da população brasileira que era jovem/ou adulta à época da repressão militar não aprendeu a reclamar – pelo contrário, esses brasileiros aprenderam a conformar-se com os mais diversos tipos de situação". Muitos desses brasileiros tornaram-se professores e transmitem essa cultura aos seus educandos e, assim, essas práticas vão sendo repassadas. Na minha comunidade, por exemplo, as mulheres não podem sair para festas como os homens podem, pois são tomadas por vadias.

O poder da fala vem sendo conquistado atualmente, e vagarosamente, por consequências das pós-memórias de sujeitos que tiveram suas vozes silenciadas. Isso afeta a vida e a prática dos professores de línguas que precisam, além de tudo, se autoconhecerem e conhecerem melhor seus contextos, para se libertarem de traumas que obtiveram em suas caminhadas e possam continuar a luta pela reflexão e pelo conhecimento.

Memórias de minha trajetória na educação

Isac dos Santos Lopes

11 Arquivo pessoal do autor

Relembrando minha trajetória na educação é possível ver um caminho longo, com várias encruzilhadas, com pontes interessantes e pinguelas bambas; ver momentos de sombra fresca e momentos de sol escaldante. Assim é possível dizer que minha trajetória foi diversificada, mas com uma educação básica mais centrada em tecnicismo e um pouco ditadora.

Numa perspectiva de pós-memória, é possível dizer que meu processo educativo sofreu influências da educação jesuíta, da ditadura militar, de educação afro-brasileira e quilombola no Brasil, dentre outras. Para entendermos um pouco sobre pós-memória, trago reflexões de Araújo e Gonçalves (2012). Os autores sinalizam tratam de memórias compartilhadas intergeracionalmente. Assim, nos permite ter uma ideia de acontecimentos passados que afetaram e ainda afetam nossa atualidade.

A minha inclusão na educação formal foi um pouco tardia. O prefeito costumava ir à pequena escola da comunidade para algum evento, dessa vez tinha uma vacinação e eu lá estava em companhia da minha mãe. O prefeito me chamou para conversar e perguntou minha idade. Minha mãe respondeu que eu tinha quase oito. Então ele perguntou como eu estava na aula e minha mãe disse "ele não estuda ainda". O prefeito então falou: "Pode mandar ele pra escola amanhã então!" No outro dia, eu fiz como sempre. Levantei-me antes de amanhecer e fui para a roça com meus pais e irmãos. Quando deu por volta de 10 horas fui para nosso rancho de taquara, busquei na bica uma água, esquentei na fornalha e tomei meu banho. Então fui embora, passei em casa e troquei de roupa, peguei uma sacola de arroz para colocar o caderno e segui para a escola. Percorrer o caminho a pé demorava uma hora e meia.

Minha educação foi fortemente afetada pelos modelos jesuítas e nossas aulas sempre começavam com uma oração de Pai Nosso ou Ave Maria. As aulas buscavam a alfabetização através da decoração de palavras. Eu me encantava, mas não me sentia incluído. Também existiam historinhas e musiquinhas que nos ensinavam como nos comportar, aspectos muito semelhantes ao método dos jesuítas, pautada no cristianismo e na alienação. As aulas também pareciam isentas de criticidade, outra característica na educação jesuíta, produtora de subordinados.

Pela história da educação no Brasil, passamos pelos tempos de ditadura e de democracia que, também, sempre foi esmagada por interesses relacionados ao capitalismo e ao domínio dos recursos. As marcas na educação se traduzem, normalmente, em grande dose de autoritarismo na escola. A educação nas ditaduras é tecnicista, pois ali não é interessante a criticidade. Me recordo que minha educação teve várias marcas de autoritarismo e uma preocupação exacerbada com a disciplina. Na educação infantil, tínhamos filas sempre separadas para meninos e para meninas. Certa vez, uma professora chegou a me bater com uma vara em um episódio que não passou de exibicionismo. Ela chegou a bater em outros estudantes e era comum lecionar com uma vara de bambu, que servia para apontar o quadro e "cuidar da disciplina". Noutra escola, os estudantes tinham que usar uniforme e não podíamos usar o corte de cabelo moicano, pois era necessário padronizar.

No Brasil miscigenado, os povos quilombolas, que foram aqui escravizados, tiveram uma importantíssima participação na educação brasileira, em especial na resistência à escravidão. Os relatos de meus irmãos de quilombos é que nossa educação utilizava muito a oralidade e a comunicação intergeracional. Também nos damos conta de que essa educação trazia a sobrevivência como algo necessário de se aprender, como parte da leitura do mundo. Era comum se utilizar a prática como metodologia. Após minha comunidade conseguir certificação de quilombola, conseguimos estabelecer maior diálogo com outros quilombolas que proporcionaram momentos educativos onde priorizávamos a comunicação intergeracional. Isso ajudou a ampliar os conhecimentos sobre nossa ancestralidade. A oralidade e musicalidade sempre tiveram presença importante nesses momentos, assim como a luta pelo território e a construção de estratégias de sobrevivência e companheirismo. Um exemplo muito bacana que me recordo é a participação numa das edições do Encontro Canjerê em Belo Horizonte. O encontro contou com comunidades de várias localidades do Brasil, com todas as regiões de Minas Gerais, com momentos de formação política e diversas outras formações, além de muita festa e alegria da nossa gente.

Ao perceber que estou me tornando um professor, por toda a minha história na educação, que é muito mais que esses fragmentos que mostrei, imagino que tudo foi importante para minha formação. Acredito que, em minha atuação como professor, buscarei continuar a minha luta pelos direitos quilombolas e contribuir com meu povo através da educação. Creio que, embora tenham sido construtoras do que sou hoje, há várias passagens de minha trajetória que eu gostaria que tivessem acontecido de outra forma. Portanto, espero não oprimir os estudantes para os quais em algum momento eu lecionar. Espero ser um professor que acolha o estudante no espaço da educação e que não tolha sua identidade. No entanto, tenho um pouco de imaginação sobre como isso será desafiante.

Ditadura, memória, pós-memória e como isso é enfrentado pelos professores

Israel Soares Pereira

12 <pixabay.com>

A ditadura militar foi um período em que o Brasil passou por momentos de intensas repressões e violações por parte do governo. Muitas pessoas foram perseguidas e assassinadas, até mesmo dentro de suas próprias casas. Nenhum cidadão tinha o direito de expressar sua opinião e nem suas ideias, porque senão já eram considerados comunistas. Só de a pessoa ser reconhecido como comunista era perseguida e, quando não era assassinada, era torturada, muitas vezes até a morte, para que assim entregassem os seus companheiros e líderes. Esses líderes eram sobretudo de movimentos sociais, de militâncias trabalhistas e nem sempre comunistas. Os movimentos sociais no Brasil experimentaram, a partir dos anos de 1950, na democracia, um crescimento nas reivindicações dos trabalhadores em geral para defender seus direitos e os da população. Lutaram pelo bem comum de todas as pessoas da sociedade brasileira e permaneceram a lutar na ditadura que se inicia em 1964.

Com o forte movimento trabalhista, a união dos trabalhadores brasileiros e o cenário internacional do pós-guerra, com o mundo dividido entre capitalistas e "socialistas", a elite e os militares tomam o governo no ano de 1964 e implementam um regime militar no país. Para impedir o começo de uma grande revolução sindical, começaram a capturar lideranças, a perseguir os chamados comunistas e a articularem meios de enfraquecimento das organizações. O regime que implementam só teve fim em 1985 com a eleição indireta de Tancredo Neves, um civil. A partir daí, o Congresso Nacional dedica-se à escrita da constituição brasileira que permitiria eleições diretas a partir de sua promulgação, em 1988.

Finaliza-se, assim, em meio a tantas feridas e cicatrizes, um dos piores períodos da história brasileira. Em relatos de pró-memória de meus familiares, contam que, pelas notícias que ouviam, as atitudes eram desumanas, pois matavam

pais e mães em frente a crianças, abusavam de mulheres e crianças e torturavam sem piedade. Muitas pessoas em todo país ficaram silenciadas com medo de enfrentar a opressão militarista.

Neste período houve também muitas complicações na área da educação, pois também foi controlada pelo regime. Foi um período que não se podia discutir nada sobre política na escola, porque senão o professor seria perseguido e preso. O que vem repercutindo até os dias atuais e refletem em iniciativas como a Escola Sem Partido, que não foi aprovada, mas que constrangem o professor a seguirem determinadas lógicas e, por exemplo, não comentar de política. Assim, notamos poucas mudanças no decorrer desses anos. A liberdade de expressão, por exemplo, ainda é uma questão, é retida, o que impedem a educação de ser dialógica e crítica.

Pós-memórias

Leidimar Gomes Da Costa

A pós-memória é considerada uma narrativa que expõe vivências que de certa forma influenciam na sociedade de maneira traumática ainda que com o passar do tempo (Araújo; Gonçalves, 2012). Com elas, acessamos conhecimentos que não produzimos, mas associados a acontecimentos do presente, principalmente na educação. Podemos exemplificar essa influência se refletirmos sobre o período colonial nas nossas vidas, que deixou autoritarismo e a doutrinação, a exemplo dos portugueses que visavam a catequizar os índios.

13 Arquivo pessoal da autora

A pós-memória nos permite analisar o papel do professor em diversos momentos e observar como se deu a constituição da educação como um todo. Inicialmente, o ensino foi usado como uma ferramenta de dominação. Nesse contexto o professor era tido como detentor do conhecimento, que o replicava em uma via de mão única. Nesse sentido, os estudantes podiam ser considerados como um depósito de informações, alienados e oprimidos, pois não eram livres para expressar suas opiniões e desenvolver a criticidade. Com o passar dos anos, a educação se transformou, alcançando melhorias, porém ainda é possível identificar marcas do período do colonial e da ditadura militar como o autoritarismo e a doutrinação.

Analisando minhas vivências educacionais, é lamentável ainda identificar marcas tanto da ditadura como do período colonial. Durante toda minha jornada escolar, as salas de aulas eram compostas por cadeiras enfileiradas uma a pós a outra. O professor possuía uma mesa a frente da turma para que se posicionasse e demonstrasse autoridade. Essa característica advém do modo de doutrinar dos jesuítas que tentaram a todo custo impor autoridade e submissão aos índios. Durante a minha educação básica, em meados de 1980, todos os dias, ao entrar na sala de aula, todos os estudantes deveriam fazer a oração do Pai Nosso que diziam ser universal. Assim, ainda que os estudantes não pertencessem ao catolicismo e

não se identificarem, deveriam participar da oração. Essa atitude tomada pela instituição escolar foi construída através dos marcos do período colonial, pois foi um período em que claramente os índios foram obrigados a abandonar suas crenças e culturas para se adequarem a um padrão e pertencerem à religião católica. Além do fato dos índios serem submetidos a dominação, não eram incluídos na sociedade como sujeitos se não se enquadrassem aos padrões impostos.

Quanto à educação no período imperial, foi marcada pela limitação aos pobres, pois só estudavam aqueles que possuíam dinheiro. As classes menos favorecidas tinham acesso a uma educação de pouca qualidade, quando tinham, consequência da superlotação das turmas. Vestígios dessa época também permeiam nossa atualidade, como exemplo posso destacar meu o ensino médio, quando o grande número de estudantes nas turmas dificultava o trabalho do professor que tinha que lidar com particularidades e níveis de aprendizado diferentes.

Durante minha jornada escolar, passei por experiências traumatizantes de que me lembro com pesar. Assim como no período da ditadura, alguns professores utilizavam métodos controversos para ensinar, como a palmatória. No meu caso, era utilizado uma régua grande e grossa para bater nas mãos dos estudantes que não tinham o mesmo ritmo de aprendizagem dos colegas. O castigo surtia efeito contrário ao que os professores esperavam, pois os estudantes se retraiam e, por conta do medo, se fechavam para o aprendizado. Vale ressaltar que durante todos os períodos citados e diferentes fases pelas quais a educação passou houve mudanças na utilização das tecnologias. Tanto na colônia como no império e na ditadura o acesso às tecnologias mais avançadas era exclusivo para aqueles que tinham maior poder monetário. Na atualidade, a maioria dos estudantes tem acesso às ferramentas tecnológicas, o que facilita a busca por informações, por exemplo.

Como futura educadora, percebo a construção do conhecimento como um processo libertador e necessário para a construção da própria identidade. Por isso, ao deparar-me com questões como instrução para a dominação, desperta-me um desejo de intervir, como o diálogo como chave para a transformação. Como diz Freire sobre o diálogo:

> [...] se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (2005, p. 91).

Partindo disso, posso dizer que todos os acontecimentos e experiências relatadas ao longo deste texto levam-me a pensar o ato de educar e aprender como fundamentais para instigar a criticidade e incentivar os estudantes a serem autônomos e protagonistas do processo de formação.

Reflexos do pós-memória do processo histórico brasileiro e sua influência na educação

Liliane Avelino Caldeira

14 <www.flickr.com>

Os seres humanos repassam suas vivências através da narrativa, resgatando alegrias e traumas históricos. Segundo Araújo e Gonçalves (2012, p. 52) há uma emergência de memória na atualidade, pois o que perpetua na memória dos brasileiros são lutas, sofrimentos, valores e conquistas de um povo colonizado. De acordo com a história que aprendemos na escola, os jesuítas iniciaram o processo de alfabetização no Brasil com os índios, impondo a doutrina católica para a dominação daquele povo. Com o passar dos anos essa educação foi oferecida aos filhos de alguns colonos que vieram para as novas terras. Após a fase de conquista e doutrinação, a educação já não era para todos, era para pessoas que a elite da época julgava que deveria ter acesso à educação.

Com a vinda da família real para o Brasil, foram abertas as primeiras instituições educacionais de nível superior, com o objetivo de formar cidadãos que trabalhassem para o Estado. O elitismo e a exclusão no acesso à educação são históricos, e o fato de as classes menos favorecidas não terem direito a uma educação de qualidade reflete uma ideologia que reflete na atualidade: a educação que não deve ser igualitária.

Rememorar é nos conectar a um tempo e a um espaço e às narrativas daquela época, que nem sempre foi a melhor. As histórias que ouvi sobre a colonização no âmbito familiar, escolar e religioso afetaram minha identidade. As narrativas também afetam a identidade quando há uma ideologia de dominação escondida nos relatos dos fatos. Após ingressar no curso superior de Licenciatura em Educação do Campo, na área de Linguagens e Códigos, percebi que havia uma venda nos meus olhos e que eu enxergava só aquilo que queriam, então comecei a olhar a realidade de maneira diferente, a começar pela colonização.

O processo educacional do Brasil moldou a sociedade, cultural e economicamente. Hoje, se os pobres têm baixo nível de escolaridade isso deve-se à herança de uma educação elitista. Com a evolução do capitalismo houve uma divisão na educação no Brasil, os cursos profissionalizantes eram direcionados ao trabalho porque as empresas precisavam de mão de obra, e os cursos com conteúdo canônico, assuntos intelectuais, críticos e reflexivos eram direcionados a elite (JUCÁ, 2017). Assim, a elite nunca quis sujeitos críticos no mundo; o que subsiste nas escolas públicas. Na reforma do ensino médio vigente, praticamente suprimiram filosofia, sociologia e quase não se vê a literatura; o que é resquício da ditadura militar (1964 a 1985), onde o autoritarismo se apropriou do sistema educacional e a sociedade, inclusive professores, não podia expor ideologias contrárias ao governo, pois sofriam repressão, tortura e até morte. Reforçaram, assim, a formação profissionalizante.

O professor pode ressignificar o elitismo com aulas dialógicas e significativas. Como futura educadora, devo enxergar o estudante como sujeito, inclusive o sujeito do campo que estigmatizado como um indivíduo periférico, para que a história ruim da educação não continue se repetindo. O professor, através de um ensino dialógico, contextualizado e interdisciplinar, deve ajudar na construção de um conhecimento que ressignifique a história, pois a escola possui função social.

O acesso à educação e às tecnologias no Brasil afeta diretamente o professor de línguas, pois os estudantes são sujeitos que necessitam de letramento digital, pois têm muito contato com as novas tecnologias, e o professor precisa se adaptar a esse sujeito que faz uso e é influenciado pelos meios de comunicação e informação. Julgo que deveria ter cursos específicos de como utilizar as tecnologias na educação na área de línguas, porque de maneira geral, os professores não estão preparados. As tecnologias comuns fora da sala de aula podem ser utilizadas a serviço do conhecimento e do ensino-aprendizagem, como, por exemplo, a produção através de registro de experiências em suportes diversos (pesquisas, fotografias, filmagens, etc.), ou seja, a escola pode contribuir com o relacionar-se com o mundo através das tecnologias, construindo um equilíbrio entre o uso dos aparelhos virtuais e um tempo para experiências no mundo externo ao virtual.

Crianças, adolescentes e jovens têm fascínio pela internet, que traz recursos que no processo educacional modificam comportamentos, maneiras de ensinar e aprender, como se vê ao longo da história. Assim, a internet aliada a algumas ferramentas digitais pode auxiliar no ensino-aprendizagem de maneira interacional e dinâmica, sendo um recurso que os estudantes gostam. Pedagogicamente, ampliam as possibilidades de o professor trabalhar de maneira atrativa e motivada construindo conhecimento dentro e/ou fora da sala de aula.

Pós-memória e educação formal: reflexos comportamentais e sociais

Mariana Soares Ferreira

O presente texto tem como princípio o resgate de memórias da minha formação, sobretudo nos anos de contato com a escola formal, sendo que a maior parte do processo de formação humana e social se concentra no período que frequentamos uma instituição educacional. Esse resgate é feito escrito porque

> (...) a escrita é entendida aqui como transposição da memória para a narrativa, relacionando-se como indicativo de preenchimento e de conservação. Por meio da escrita constrói-se memórias e mantém-se por gerações valores e compreensões de um povo ou de uma nação' (GONÇALVES e ARAÚJO, p. 53, 2012).

No meu processo educativo, na família e na escola, foi repassado que o respeito e o amor ao próximo são essenciais para a vida comunitária. A partir disso, há uma barreira entre o que é considerado correto e errado, mesmo que o certo para muita gente seja o errado para o outro. Assim, temos que estar sempre nos respaldando quanto ao falar e agir, para que não se fuja das regras pré-estabelecidas. É na escola que iniciamos realmente o contato com o que pode e o que não pode, e partem de lá os estereótipos de toda sociedade tendo em vista que estamos o maior tempo de nossas vidas na escola, pelo menos no período de formação. Lembro-me claramente dos meus primeiros anos escolares, da professora e sobre suas instruções sobretudo que uma escola exemplar poderia proporcionar a uma aluna exemplar. Esses relatos são extremamente significantes na minha formação e personalidade, pois mostram claramente a caixinha do correto e formal que somos induzidos a nos encaixar para sermos parte de um coletivo. Contudo, essas caixas se resumem a estereótipos que escondem nossas narrativas e inibem o nosso reconhecimento identitário perante o coletivo. (ARAÚJO, p. 177, 2012)

15 <pixabay.com>

A escola para mim nunca foi um lugar fácil, sempre passei por situações que hoje vejo como preconceito. Escola muito boa, com professores considerados excelentes, até hoje. Eram aulas em sua maioria boas, seguidas de muito rigor e obediência, que se iniciava desde portão. Ao chegarmos na frente da escola, era preciso estarmos uniformizados, meninas

de saia e blusa muito bem-vestida, com cabelos presos e unhas muito bem-cortadas. Os meninos deveriam usar blusa, calça e sapato, com cabelos cortados bem-curtos. Ao entrar para a sala, a divisão se iniciava, meninas se sentavam com meninas e meninos com os meninos, sendo que as meninas tinham que sentar-se na frente para não se envolverem com os meninos. A aula iniciava e não podia mais conversar, a obediência era severa. O conteúdo era mais próximo do programado possível, sendo que nada saía do planejado. Lembro das aulas de língua inglesa que começava com uma oração em inglês, pedindo a Deus para nos dar cooperação, colaboração e obediência. Lembro-me também das aulas de ensino religioso em que a professora repassava para nós todo o conhecimento da religião católica e as coisas certas e erradas dentro e fora da escola. Era quase um sermão dizendo que se você olhar para o lado vai pecar. Claro que somente hoje vejo que muitas dessas aulas não eram somente sobre aprender a ler e escrever, eram moralizantes e hierárquicas. Este modelo educacional seguia a pedagogia tecnicista conforme destaca os escritores Luckesi (*apud* ARAÚJO e GONÇALVES, 2012, p. 112) no trecho abaixo:

> A pedagogia tecnicista é considerada como um processo de condicionamento, realizado por meio do reforço de respostas. Assim sendo, a comunicação entre professor e aluno é exclusivamente técnica, pois visa a garantir que a transmissão de conhecimento se dê de forma eficaz. Por isso, "debates, discussões, questionamentos são desnecessários, assim pouco importa as relações afetivas e pessoais dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem".

O modelo tecnicista foi implementado na época ditatorial e teve como contribuição o pós-colonialismo, no qual as pessoas eram parte dos sistemas que lhes eram impostos. Deste modo, tais modelos educacionais são movimentos sócioculturais e históricos ainda presentes na nossa educação contemporânea e, por conseguinte, em nossas narrativas.

Tendo em vista que sou uma futura educadora, será preciso sistematizar esses conhecimentos em salas de aula, fazendo com que os estudantes possam desenvolver sua autocrítica sobre a real história brasileira e, assim, compreenderem seus papéis sociais. O desafio, a princípio, é desenvolver metodologias e tecnologias que possibilitem essas práticas. A escola não deve ser um depósito de crianças, mas sim um território de diferentes saberes e histórias, que devem ser questionadas e repensadas, pois educandos medianos geram uma sociedade mediana, e sociedade mediana não indaga e não ocupa territórios e espaços de poder. Neste intuito, é preciso estagnar esses paradigmas de repressão social e o melhor local para que isso aconteça, inicialmente, são as intuições escolares.

Minhas memórias: trajetória escolar

Miréia de Jesus Sena

16 Arquivo pessoal da autora

Pós-memória, para Gonçalves e Araújo (2012) é uma memória que não foi vivenciada pelo indivíduo, mas foi passada a ele e, normalmente, é oriunda sempre de uma experiência traumática. A pós-memória que temos da colonização reflete na maneira em que nos relacionamos com o país e a política nacional hoje. Se me entendo enquanto colônia e o quanto isso nos é prejudicial, no papel de professor, irei me posicionar e formar alunos mais informados neste aspecto e com senso crítico.

Em uma sociedade com uma cultura cristã enraizada e tendo no histórico uma catequização forçada dos primeiros povos que habitavam esta terra pelos jesuítas (JUCÁ, 2017), fica nítido o fato de que traços e dogmas cristãos estão inseridos em todos os espaços que ocupamos ainda hoje. Tendo nascido em famílias cristãs, somos ensinados a seguir o que a bíblia prega. No ensino, isso costuma se repetir. Eu, nascida em família católica, me recordo da infância em casa, quando fui ensinada a fazer as orações básicas. Com o tempo, as demais orações da igreja me foram ensinadas na catequese. Lembro-me das noites que minha mãe contava histórias bíblicas como a de Davi e Golias, Adão e Eva, Noé. Minha irmã e eu adorávamos. Essas são lembranças que me fazem acreditar que esse tipo de ensino pode sim ajudar a construir o caráter do indivíduo enquanto ser social, o problema é como isso é feito na prática. O indivíduo deve ter abertura para escolher a religião que irá seguir, ou se irá seguir alguma. No meu caso não foi uma escolha, pois ir à igreja era uma obrigação e questionar e perguntar não era permitido.

Quando inserida no contexto educacional formal, esses rastros da educação jesuíta ficaram ainda mais nítidos para mim. Exemplos disso não faltam: na escola era realizada uma oração antes de todas as aulas, essa oração contemplava a religião católica como o Pai Nosso e a Ave Maria. Lembro-me que durante minha trajetória escolar, esse ritual durou parte do ensino fundamental II. Logo, por desconforto dos alunos de outras religiões, a oração Ave Maria foi retirada. Nessa memória está

refletido também os traços da educação colonial, como dito por Jucá (2017), ligada à religiosidade e à doutrinação.

A disciplina e a ordem eram sempre os objetivos dos professores a qual tive contato ao longo de minha trajetória escolar. Isso se evidencia em fatos como a punição. Ainda na educação infantil, por exemplo, recebi um castigo, como punição por um conflito, em que parte da aula eu e uma colega ficamos de costas para o professor e o restante da classe, nas extremidades da sala. Posteriormente, convivi com outro professor que impunha medo em sala de aula, traços da ditadura que irão sempre assolar a educação. Como pontua Bittar Junior (2008):

> (...) a educação no âmbito do regime militar foi concebida como um instrumento a serviço da racionalidade tecnocrática, com o objetivo de se viabilizar o *slogan* "Brasil Grande Potência". (...) a política educacional do período entre 1964 e 1985 estava, em última instância, vinculada organicamente ao modelo econômico que acelerou, de forma autoritária, o processo de modernização do capitalismo brasileiro.

Ao longo da história, a educação passou por problemas diversos como influência direta cristã, censura, falta de acesso a recursos, dentre outros limitantes. Com o tempo, avanços tecnológicos e globalização, esses aspectos avançaram fazendo com que em teoria da educação evoluísse um tanto. No entanto, atualmente, é notório que acontece um retrocesso, pois a educação está sofrendo com muitos cortes, até de conteúdos essenciais. Com isso, podemos concluir que essas pós-memórias que temos da colonização, escravidão, ditadura têm influências diretas no país que vivemos; e velar essas evidências não faz com elas sumam, mas que se perpetuem. A reflexão para a mudança se inicia com uma educação de qualidade que seja feita para todos.

A Influência da memória e pós-memória na formação do professor no Brasil

Rosiane Soares Pereira

17 Passeata dos Cem Mil, 1968. Foto de Evandro Teixeira/CPDoc JB, disponível em: https://memorialdademocracia.com.br.

O golpe militar de 1964, que iniciou o período político chamada ditadura civil militar, deixou um legado de consequências. O período foi marcado por violência, tortura e repressão que atingiram, sobretudo, a educação e a cultura da época. Com isso, o período é marcado na memória sobretudo pelo sofrimento das vítimas que eram contra o governo militar, dentre elas, várias pessoas de movimentos sociais, estudantis e outros movimentos. A pós- memória pode nos trazer vivências que não são nossas, mas nos afetam. Segundo Araújo e Gonçalves (2012, p.53):

> A narrativa focada na capacidade humana de expor sua vivência na forma de discurso subjetivo, em diários, relatos, atribuindo aos eventos um novo significado, é o que chamaríamos aqui de experiência compartilhada (pós-memória).

Não muito distante, lembro-me de meu pai relatando acontecimentos da ditadura militar, como o sofrimento que trouxe para milhares de pessoas, sendo que muitos desapareceram ou foram exilados. Ele relatava que vários companheiros de movimento sindical foram presos na época. Pelo fato de esses fatos trazerem resultados traumáticos ainda hoje, podemos conceituar essas lembranças que não vivemos de pós-memória.

A herança da ditadura militar influenciou diretamente a educação, não só na memória dos que passaram pelo golpe, mas também na juventude. Dentre as culturas deixadas, que atinge grande parte das escolas, é uma forte tendência ao autoritarismo. Muitas atitudes dessas foram herdadas, pois até muito pouco tempo,

como descreve meu pai em suas histórias, os professores usavam palmatórias para bater nos alunos em sala de aula.

Lembro com precisão, quando estava na quinta série tinha, de uma professora que batia nos alunos. Teve um momento que ela puxou a orelha de um colega que sangrou, somente pelo fato que ele não estava aprendendo o conteúdo que ela repassava. Cenas muito fortes que mostravam o comportamento ditador da professora.

Outro fator determinante que a sociedade brasileira herdou foi o silenciamento. Com as repressões, as novas gerações passaram a não reclamar, a não questionarem por medo do sistema, por medo de serem mortos como tantos foram. Desse modo, alguns professores que vivenciaram aquele momento através das narrativas ensinaram seus alunos a se conformarem com as injustiças, como já presenciei.

Atualmente, estamos vivendo no Brasil um novo tipo de regime militar, no qual o povo brasileiro elegeu, nas últimas eleições, um ex-militar que desrespeita todo um sistema democrático e governa o país da forma que ele acha que convém. Nesse processo, são notórias as perdas de direitos que estamos vivenciando. E são reflexo do regime militar, no qual nosso presidente da república se espelha para faz um governo altamente antidemocrático e autoritário, segundo os interesses de uma minoria. Nesse momento, devemos nos espelhar na luta da UNE (União dos Estudantes), que foi um movimento forte na ditadura, que foi silenciado em diversos momentos, como no congresso de 1969 quando foi atacado após o AI-5. Hoje vejo a educação e outros direitos civis e políticos sendo prejudicados e o povo sem ir para a luta contra este governo que não está sendo diferente da ditadura de 64. Assim como o outro, agora há uma forte tendência em querer silenciar os brasileiros.

Enfim vejo que muito avançou no sistema educacional brasileiro desde a colonização conforme a história relata. Todos os sistemas que a educação percorreu, no período dos jesuítas, imperial, república, estado novo, ditaduras, etc., o que mais marcou em minha memória foi a ditadura militar. Certamente isso se dá pelo fato de eu ouvir sempre os relatos feitos pelo meu pai e contextualizar, com isso, as matérias estudadas na escola na minha educação básica. Conforme citado anteriormente, a relação dos acontecimentos passados com o presente sem dúvida influencia nossa cultura e a realidade escolar de hoje. Cabe, portanto, a nós, futuros educadores, reproduzir o que vivenciamos em nossa formação básica e seguir em silêncio ou usar bem esses conhecimentos e contribuir para uma educação crítica e dialógica, para uma sociedade mais justa e igualitária.

Pós- memória e sua influência na constituição do sujeito em seu contexto sociocultural

Stephanie da Silva Barros

O ser humano, no seu processo de desenvolvimento, vem desenvolvendo diferentes métodos e estratégias para se relacionar, interagir com outros sujeitos e se inserir em seu meio enquanto ser gregário. Nesse desenvolvimento podemos citar como exemplo o processo de troca de informações e conhecimentos entre indivíduos ou grupos sociais. O fenômeno da troca estava (como ainda é) associado à representação a partir de símbolos e principalmente pelo processo de oralização.

A interação está e sempre esteve presente na formação e organização dos povos, sendo essencial em questões de cunho social, cultural e econômico. Assim, os costumes vão sendo repassados de geração a geração, principalmente pelos integrantes mais velhos desses grupos, que eram considerados pelos demais membros como grandes sábios que detinham um grande conhecimento acumulado com os anos a partir de suas experiências. Com o passar dos anos e o aprimoramento do ser humano e sua habilidade na criação de diferentes ferramentas, houve a necessidade de métodos mais eficazes para a preservação de conhecimentos imprescindíveis. A partir daí surge o desenvolvimento da escrita e mais tarde a criação de diferentes suportes como, um dos mais conhecidos, os livros.

Junto à criação da escrita e dos suportes era necessário também que a sociedade desenvolvesse a capacidade de decifrar e interpretar esses códigos, que aprendessem a ler. Com isso surgem os processos de ensino de leitura e escrita, que, no entanto, eram exclusivos para poucos; sobretudo para a elite dominante, que detinham facilmente esses conhecimentos e os utilizavam como ferramenta de poder. Algo que ainda é bastante observado em nossa população, visto que o acesso à educação pública é um direito conquistado há pouco tempo. Para suprir essa demanda de se preservar conhecimentos, podemos observar que o processo de oralização ainda é muito presente e utilizado por nós enquanto seres interativos e principalmente, entre os idosos, que detêm um vasto conhecimento.

É a partir da leitura, da escrita e da oralidade que podemos ter a possibilidade de rememorar, de resgatar elementos, traços, características de outras épocas. E refletir em, muitas vezes, um processo cognitivo de assimilação que nos possibilite fazer ligações e nos identificar a elementos do passado a nós repassados, a partir das memórias de um povo, passados de geração em geração, em diferentes contextos e realidades que fizeram e fazem parte do nosso processo de formação enquanto indivíduos sociais.

Muitos desses conhecimentos e saberes são repassados a partir de um processo de memória do sujeito provedor, que seleciona acontecimentos significativos que, uma vez repassados, desempenhavam um papel importante, por abrangerem um vasto acervo de informações que podem ser utilizadas como forma de expor ou relatar problemas e soluções, de nos alertar. Aquelas memórias passadas para nós relacionadas a eventos traumáticos, é o que chamamos de pós memória. Podemos citar como exemplo de pós-memória a influência da colonização na formação da sociedade brasileira e ainda hoje. A expansão do movimento cristão, que foi em grande parte introduzida de forma violenta contra os nativos, também ainda traz resquícios. Há de se lembrar que, no entanto, a partir das violências jesuítas e colonizadoras, criaram estratégias de resistência conseguiram preservar parte de suas crenças que, para os europeus, eram vistas como algo negativo.

Ao levarmos essa temática para o contexto educacional brasileiro, nota-se que no início, durante o período colonial, onde houve uma educação voltada para o ensino catequista, caracterizado por um contexto religioso que, no entanto, camuflava sua real intenção, calcada em interesses, de dominação. O caráter opressor dos portugueses, com relação aos nativos, acarretou inúmeras modificações sociais, fortemente ligadas a perda de identidade indígena e a aspectos culturais.

Após todo esse processo e as transformações ocorridas no início do colonialismo, com o período Pombalino, o Império ficou marcado pelo surgimento das primeiras universidades que, com o tempo, impulsionaram o estudo da língua. Porém, um ensino ainda sob uma perspectiva da dominância e influência europeia, voltado fortemente para o estudo da língua clássica como o Português de Portugal e o Latim. É a partir desse período também que podemos perceber o início do estudo da Língua Inglesa, que perdura até os dias de hoje, mas sob uma diferente perspectiva e contexto. Atualmente, o ensino de inglês é influenciado principalmente pela sociedade capitalista de consumo, que se organiza de acordo com suas necessidades e interesses, que basicamente estão associados ao consumismo e ao lucro. Ou seja: a partir disso podemos considerar que o processo educacional esteve e está ligado a uma corrente de poder e dominação, sustentada por interesses e necessidades da elite dominante.

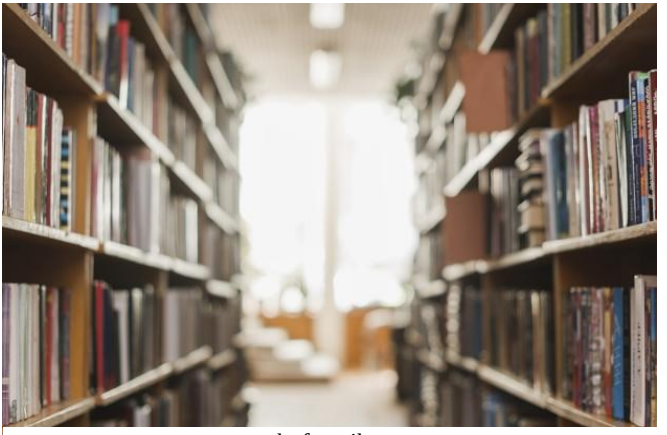
Um exemplo claro que podemos citar da educação que atende a interesses da elite faz referência ao período ditatorial militar, que foi marcado pelo nacionalismo e pela escola tecnicista, que tem como prioridade a formação do sujeito para o mercado de trabalho. Com esse intuito, na época da ditadura eram pouco discutidas as questões sociais que impulsionassem o questionamento e a reflexão sobre o contexto vivenciado. A escola da ditadura, assim, situava-se em uma perspectiva elitista e que persiste até hoje. Como exemplo do tecnicismo na

atualidade, podemos citar o embate envolvendo a proposta de retirada das disciplinas Sociologia e Filosofia do ensino médio.

Além disso, podemos perceber também a desvalorização das disciplinas de Língua Portuguesa e Inglesa, que muitas vezes são consideradas, por parte da sociedade e por alguns alunos, como disciplinas voltadas para um sistema estruturalista normativo apenas, sem vínculo com a formação do pensamento, por exemplo. Essa situação pôde ser observada durante a realização do meu Estágio de Observação, como em outras realidades de centros educacionais que pude observar a atuação do professor junto a escola no processo de aprendizagem de seus alunos.

É importante compreender que a língua é muito mais do que um conjunto de códigos e fonemas, que juntos formam certas sonoridades e padrões linguísticos, mas que, também, reúne outros elementos sociais que vão desde as representações simbólicas até a formação identitária do indivíduo. O sistema de escrita junto aos valores se transformam em elementos fundamentais ao indivíduo, enquanto sujeito histórico e sociocultural, que usa a língua na construção e troca de conhecimentos e informações. Nesse processo, intercala-se pós-memória, memórias, reflexões, de forma escrita ou oralizada, em diferentes discursos que promovem a formação dos sujeitos e de suas identidades.

Os discursos, presentes em qualquer interação, apesar de possuírem suas próprias concepções e posicionamentos, são construídos pelo sujeito a partir de uma relação de troca de conhecimentos, ou seja, de outras ideologias que também são historicamente situadas. Conhecer esse processo é importante para que o sujeito saiba se posicionar de maneira crítica, reflexiva e questionadora; pois somente assim é possível que haja um processo de aprendizado efetivo, longe da doutrinação histórica que se inicia com os jesuítas.



18 <br.freepik.com>

Reconhecer as intenções por trás da língua em uso, as ideologias que traz, só é possível a partir da troca possível entre diferentes discursos. Para tanto, a opção de como o professor irá trabalhar com seus alunos só pode ser com o texto

autêntico, de discursos autênticos diversos. Isso possibilita que os leitores sejam capazes de construírem um olhar mais crítico, reflexivo e questionador perante o processo de desenvolvimento histórico e sociocultural que todo sujeito passa, como também adquirir competências que irão lhe auxiliar na forma como se situarão no cotidiano e na sociedade.

Interferências históricas na minha educação

Thainá Fernandes Cordeiro

Nota-se no texto de Araújo (2012), intitulado *"Em estado de memória: experiência, memória e pós-memória no relato de Tununa Mercado*", a importância que a memória tem e como influencia as decisões que tomamos. A memória tem o poder de eternizar uma tradição, ações e sentimentos do passado por anos. Mas para se manter a memória, ela deve ser contada através de narrativas escritas ou orais para que acontecimentos do passado perpetuem. Quando essa memória é transmitida para aqueles que não estavam presentes no momento, mais que de certa forma deu a eles um novo significado, ela é chamada de pós-memória (ARAUJO, 2012).

Para mim, é fundamental conhecer o passado através do que se é narrado. Como futura docente, preciso do máximo de informações sobre a história da educação no meu país, desde o tempo da colonização, república, períodos de ditadura militar e atualidade. Ou seja, momentos marcantes para que eu consiga trazer, de certa forma, uma educação significativa. Buscar conhecer problemas e acertos desses períodos ajuda-nos a conhecê-los para não os repetirmos, no primeiro caso, ou encontrarmos soluções parecidas, no segundo.

As influências da educação jesuíta são notadas nas escolas desde sempre. Quando eu era estudante da educação básica, por exemplo, já me questionava e não compreendia por que ter aula de ensino religioso com apenas um viés na escola, uma vez que as salas tinham estudantes católicos, evangélicos e ateus. Cheguei a questionar a professora sobre isso, mas com a resposta usual de que Deus é a base de tudo eu não tinha com o que discutir. Hoje, com os conhecimentos adquiridos, compreendo que tal cultura tenha vindo da época do Brasil colônia, quando a educação foi de responsabilidade dos padres jesuítas pelo menos nos dois primeiros séculos. Após esse período, essa realidade vem mudando de forma muito superficial. Os jesuítas ainda continuaram um bom tempo, mesmo depois da reforma pombalina no final do século XVIII e, hoje em dia, alguns professores utilizam suas aulas para fazer referência a religiões e influenciar alunos, fatos que já presenciei.

Uma das fases que para mim, como futura educadora de Língua Inglesa, teve sua importância, foi o período do império onde as reformas pombalinas implantaram no ensino o estudo de línguas estrangeiras. Na época, para se abrir os portos do país ao comércio mundial era necessário ter conhecimento de outras línguas. Desde quando comecei a ter aulas de inglês, nos anos iniciais, eu compreendia a importância de se ter acesso a línguas estrangeiras, pois isso auxilia na evolução do país e na comunicação com o mundo.

Desde essa época, no entanto, o direito à educação é um retrato da nossa divisão de classes, onde os índios e negros foram e são excluídos e as oportunidades foram e são dadas às classes mais valorizadas. Apesar dos avanços dos últimos anos, dentre os poucos que conseguem uma oportunidade, muitos não conseguem se formar.

Sobre as memórias e as pós-memórias do período da ditadura militar que me afetavam na educação básica, eu não conseguia notar de forma clara. Porém, por ter algum conhecimento sobre os fatos que aconteceram na época, um momento que era muito forte era a presença de um nacionalismo forte nas nossas práticas escolares. Dentre elas, havia o momento cívico, onde, todos os dias antes de entrarmos para sala, íamos para o pátio em fila e posição de respeito à pátria. Uma vez no pátio, fazíamos o hasteamento da bandeira cantando o hino nacional, ou hino da bandeira, como forma de respeito e honra ao país.

Legalmente, há pouco tempo aconteceu um fato que já havia acontecido na época da Ditadura Militar. Refiro-me à reforma do ensino médio aprovada em 2017 na qual foi retirada a obrigatoriedade das disciplinas e Filosofia e Sociologia, que na nossa recente ditatura cediam espaço para as disciplinas Moral e Cívica e Organização Social e Política do Brasil.

Tendo conhecimento de todo esse trajeto que a educação percorreu, e vendo o cenário no qual o Brasil se encontra hoje, ainda é muito difícil a tarefa de pensar como deve ser um professor de língua portuguesa e inglesa, mesmo com as últimas mudanças tecnológicas. Acredito que a educação está muito aprisionada aos modelos do passado, certamente por culpa do próprio sistema político capitalista que utiliza desses métodos para monopolizar o pensamento humano.

Na minha formação acadêmica, curso a Licenciatura a Educação do Campo da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), onde, a todo tempo buscamos entender a diversidade e quebrar paradigmas. Acreditamos que a principal forma é trazer uma educação significativa e contextualizada. Porém, quando se vamos atuar na prática, somos podados pelo sistema e induzidos a trabalharmos da maneira tradicional.

Dessa forma, é muito complicado querer e poder fazer uma educação mais dialógica, tendo em vista que há todo um jogo de interesses atrás dessas medidas que foram tomadas no decorrer dos anos. Da mesma forma que os jesuítas queriam converter as pessoas por meio de uma pedagogia religiosa e a ditadura militar que impunha o patriotismo e a obediência, hoje em dia não é diferente, tendo em vista os inúmeros cortes em educação e saúde que presenciamos, após a os de investimentos maciços. Há de se lutar, mas enquanto houver esse jogo de poder, a educação sempre vai ser falha.

Convivências e superação

Vanesa Aparecida Euzébio

19 Arquivo pessoal da autora

Após o descobrimento do Brasil, os portugueses passaram a governar com seus fortes valores, sobretudo na educação que se dava a partir da catequese. Esse ensino foi, acima de tudo, carregado de opressão que marcou a vida de professores e ainda marca pelos principais traços que influenciaram suas identidades como o colonialismo, a presença dos jesuítas e o autoritarismo.

Tudo que vivemos no passado, seja algo bom ou mal, nos deixa marcas, podendo até mesmo transformar a nossa caminhada e experiências futuras. A pós–memória é uma lembrança daquilo que pessoas sofreram no passado, mas que ainda atinge traumaticamente a nossa vida de alguma forma, e que não vivenciamos diretamente. Podemos não ter vivenciado, por exemplo, a tortura de perto, mas ao ouvir relatos de familiares e pessoas que presenciaram de alguma maneira toca em nosso ser, nos trazendo sentimentos e consequências reais. Conforme diz Araújo e Gonçalves (2012).

> [...] é comum para as vítimas de eventos traumáticos, como foi o regime ditatorial na América Latina, carregarem em suas memórias experiências inenarráveis de quem viveu sob o signo da dor, carregarem em seu semblante o sofrimento, consequência da experiência daqueles que estiveram no limiar da morte (ARAÚJO; GONÇALVES, 2012, p. 52).

O Golpe Militar no Brasil, em 1964, foi de grande impacto traumático na sociedade, pois houve torturas, mortes e exílios. Várias famílias perderam tudo, mães ficaram sem os filhos, sem esposos, ou demais parentes, filhos viram seus pais serem torturados e mortos a sua frente. A muitos restaram apenas as dores e temores, sem ao menos esperança para continuarem a caminhada sem nem mesmo saber a qual direção devessem seguir.

Um período com um governo totalitário que não importando quem fosse as pessoas as tratava como animais, sem ao menos compaixão causou tanta dor e sofrimento, não tenho palavras para descrevê-lo. A barbaridade que a ditadura trouxe nos afeta ainda hoje, trazendo de geração a geração a dor e as cicatrizes nos corpos, nos deixando indignados com este país que nos impõe ordens com o desejo de controlar todo o mundo.

Como resultado, crescemos em uma sociedade silenciosa que não sabe, não quer ou não aprendeu a se defender pelo tamanho do poder autoritário. O que pode ser compreendido a partir de Mattos *et al.* Segundo os autores (MATTOS *et al.,* 2015, p. 269), "(...) muitos desses brasileiros tornaram-se professores e repassaram a seus alunos sua cultura e suas práticas conformistas". No entanto, podemos dizer tudo isso não afetou apenas os professores, mas todas as famílias de modo geral. Rastros da ditadura podem ser encontrados nos pais que agem rigorosamente na educação dos filhos, com opressão e regras duras, isolando, por exemplo, seus filhos do meio social. O autoritarismo permanece ainda hoje tão forte que muitas vezes passa despercebido aos nossos olhos, pois naturalizamos aquilo que já é uma regra.

Sobre autoritarismo e o meio educacional, por exemplo, posso citar a escola da minha cidade, onde os alunos têm de seguir normas que envolvem o vestuário e comportamento no âmbito escolar e religioso. Com relação à religião, independente da qual pertençam, os alunos são obrigados a fazerem filas diante de uma imagem e rezar todos os dias. São, ainda, obrigados a participar de festas criadas pelas escolas como forma avaliativa sem ao menos terem direito a opinar.

Com relação a acesso, na época do Império a educação era regrada e limitada apenas para a classe alta. Este fato prevaleceu durante muito tempo, mas hoje a educação está, de alguma forma, mais abrangente para a sociedade; não digo que as desigualdades acabaram, mas houve uma grande melhoria.

Como futura educadora, farei o máximo para ser exemplo na vida dos alunos. Mesmo que eu esteja com problemas na vida pessoal, não posso levá-los para as aulas e descontar nos meus alunos. Por eu ter presenciado tantas coisas na minha época de escola, pretendo fazer a diferença. Sei que não será fácil, e nem pretendo mudar a realidade da escola, mas com força de vontade tudo se resolve e alcançamos o nosso objetivo.

Referências

ARAÚJO, V. R.; GONÇALVES, C. C. Em estado de memória: experiência, memória e pós-memória no relato de Tununa Mercado. *Litterata*: Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões, Ilhéus, v. 2, n. 2, p. 51-70, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/litterata/article/viewFile/602/593>. Acesso em 15/04/2020.

BASTOS, M. H. C. A Instrução Pública e o Ensino Mútuo no Brasil: uma história pouco conhecida (1808-1827). *História da Educação*. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, abril, 1997. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/asphe/article/download/30631/pdf>. Acesso em 15/04/2020.

BRANDÃO, C.R. *Ambiente escolar, aprendizagem e ensino desenvolvendo as capacidades educacional formal as escolas*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FERREIRA Jr., A.; BITTAR, M. Educação e ideologia tecnocrática na ditadura militar. *Caderno CEDES*, v. 28, nº. 76, Campinas, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622008000300004&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em 15/04/2020.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 42ª ed. Rio de janeiro: Paz e Terra, 2005.

HIRSCH, M. *Family frames:* photography, narrative, and post memory. New York: Havard University Press, 1997.

JUCÁ, L. C. V. *Das História que nos Habitam:* Por uma Formação de Professores de Inglês para o Brasil. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

LIMA, L. N. M. *Lugar e Memória:* O Patrimônio Goiano entre o esquecimento e a resistência. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade de Brasília. Brasília, 2017.

MATTOS, A. M. A.; FERRAZ, D. M.; MONTE MÓR, W. *Letramentos e formação de professores de LE*. III Congresso Nacional de Estudos Linguísticos - CONEL, UFES, 2015.

MORENO, C. A Colonização e o Povoamento do Baixo Jequitinhonha no século XIX: A guerra contra os índios. Belo Horizonte: Canoa das Letras, 2001.

PAULINO, O. *O estranho Mundo do Dr. Boaventura.* Crônicas do Jequitinhonha. Rio de Janeiro: Cia Brasileira de Artes Gráficas, 1977.

Este livro é fruto de reflexões sobre língua, linguagem, identidades, colonialidade, autoritarismo e aprendizagens. Como sugere o título e a nuvem de palavras acima, essas temáticas são trazidas em narrativas memorialísticas e, como é próprio dos relatos, de forma leve e pessoal. Relatos um pouco atípicos, pois suas reflexões remetem a certa teorização, mas ainda assim encontram maior aconchego nos gêneros narrativos. A teoria é parte da vida, é a lente de nossas leituras, nosso filtro organizador de conhecimentos; por isso há um diálogo direto com algumas questões teóricas e vivências, acessíveis pela memória e pela pós-memória.

Parece unânime o entendimento de que a história influencia diretamente os processos educativos, bem como a formação dos professores e as práticas das salas de aula. E isso aparece de diversas formas nesta coleção de relatos. Educação e doutrinação se aproximam quando se pensa na ação do estado sobre os indígenas brasileiros, desde a doutrinação jesuíta até as violências físicas que levaram diversos povos à extinção. Nesse sentido, aparece um relato bastante atual com situação similar, com a caça de índios na contemporaneidade, no Vale do Jequitinhonha, no entorno da cidade de Araçuaí.

Todo esse processo reflexivo culmina na formação do professor de línguas, sobretudo na educação do campo, contexto dos nossos estudantes-autores, onde a contextualização e os letramentos mostram-se ainda mais indispensáveis. O amadurecimento dos estudantes-autores em suas reflexões dá-nos esperanças de que certas práticas, autoritárias e colonizadoras, tendem a diminuir. Caso a expectativa se concretize em alguma medida, certamente esse já terá sido um grande passo em direção a uma educação realmente crítica, pela qual lutamos há algum tempo. Aos leitores, essa experiência de leitura certamente será muito rica e proveitosa, sobretudo àqueles que se interessam pelo diálogo sobre língua, e linguagem e, de maneira mais abrangente, sobre a educação brasileira.

Carlos Henrique Silva de Castro

Licenciatura em Educação do Campo (LEC), habilitação Linguagens e Códigos,
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

Encontre esta e outras obras da nossa universidade em formato digital no nosso repositório institucional:
http://acervo.ufvjm.edu.br/jspui/

Conheça a nossa universidade:
http://www.ufvjm.br